

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

REBECA FERNANDA GASPARINI SERRANO

Primo Levi: uma leitura dos silêncios em *É isto um homem?*

São Paulo

2019

REBECA FERNANDA GASPARINI SERRANO

Primo Levi: uma leitura dos silêncios em *É isto um homem?*

Dissertação de Mestrado apresentada  
à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Moacir Amâncio

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação  
Serviço de Biblioteca e Documentação  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S487p Serrano, Rebeca Fernanda Gasparini  
Primo Levi: uma leitura dos silêncios em É isto um  
homem? / Rebeca Fernanda Gasparini Serrano ;  
orientador Moacir Amâncio. - São Paulo, 2019.  
70 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia,  
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São  
Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de  
concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Literatura. 2. Holocausto Judeu. I. Amâncio,  
Moacir, orient. II. Título.

Nome: SERRANO, Rebeca Fernanda Gasparini.

Título: Primo Levi: uma leitura dos silêncios em *É isto um homem?*

Dissertação de Mestrado apresentada  
à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas  
da Universidade de São Paulo  
para obtenção do título de Mestre

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Para Ana Pires e Ana D'Angelo.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao professor Moacir Amâncio, pelas lições de literatura, judaísmo e vida.

Aos professores Gabriel Schwartzman, Ariovaldo Vidal, Celeste Ribeiro de Souza, Ethel Kosminsky e Fernando Salla.

Aos professores Izidoro Blikstein e Saul Kirschbaum, pelas contribuições ao texto em exame de qualificação.

Ao meu primo André Sakima Serrano.

Ao meu companheiro Thiago D'Angelo.

À Universidade de São Paulo, espaço de diversidade, resistência e conhecimento.

*What man may do to man is the measure of all things.*

Franz Kafka

*If you could lick my heart it would poison you.*

Yitzhak Zuckerman

Sobrevivente do Levante de Varsóvia

*A lembrança da cinza*

*destrói janela e porta.*

*O vento invade tudo,  
varre cantos, as frestas,*

*assoalho, teto, ossos.*

*Deixa apenas metáforas.*

Moacir Amâncio

## RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo analisar os diferentes tipos de silêncio presentes na obra *É isto um homem?*, de Primo Levi. A escrita sobre a Shoá é permeada por diferentes manifestações de silêncio; este, além de se apresentar como uma impossibilidade, pode ser uma chave de leitura, analisada a partir das perspectivas de autores como Sérgio Kovadloff, Renato Lessa e do autor do texto, Primo Levi.

**Palavras-chave:** Primo Levi. Shoá. Auschwitz. Literatura.



## ABSTRACT

This dissertation analyzes the different kinds of silence in the book *If this is a man*, by Primo Levi. The writings about the Shoah carry different kinds of silence. However, besides being an impossibility, silence can be a key to understand the text, through the perspective of authors like Sergio Kovadloff, Renato Lessa and Primo Levi.

**Key words:** Primo Levi. Shoah. Auschwitz. Literature.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. PRIMO LEVI: HOMO LAGER	12
1.1. Primo Levi: Isto é um homem.	18
1.2. A zona cinzenta, uma permanência	23
1.3. Algumas observações sobre a problemática da linguagem	27
2. O SILÊNCIO E O TESTEMUNHO	32
2.1. O silêncio como possibilidade	38
3. O SOM DO SILÊNCIO	41
3.1. O silêncio aniquilador	43
3.2. O silêncio dos mortos	49
3.3. A alternância de vozes	53
3.4. O prefácio, o poema e a responsabilidade	56
3.5. O silêncio do esquecimento	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	63
ANEXOS	68

## INTRODUÇÃO

*O dizível é preferível ao indizível  
A palavra humana, ao grunhido animalesco.  
Primo Levi*

Após a derrota dos nazistas e o fim do Terceiro Reich, a constatação de que faltava algo às palavras que ordenavam o mundo antes da Shoá foi o fundamento dos textos escritos pelos sobreviventes. Cada um a seu tempo (Primo Levi, logo após o retorno ao lar; Jorge Semprún, depois de décadas de silêncio), lutando com as palavras que pudessem expressar a desumanização, a perda de tudo e todos – a tentativa de uma produção industrial da morte de uma cultura formada por indivíduos considerados como a antirraça. Além dessa dificuldade, um mundo pós-guerra que encontrava-se pouco disposto a escutar com atenção esses mensageiros retornados dos mortos.

Auschwitz não foi um planeta estranho, mas uma organização racional e metódica à serviço da desumanização; possibilitada pela modernidade e a tecnologia e baseada na violência como norma política. Sobreviver à aniquilação foi a exceção, e não a regra. Assim, como Ruth Klüger afirmou, as palavras para designar o evento “apodrecem rapidamente na boca”. Entretanto, os testemunhos são uma forma de resistência ao sentimento de impossibilidade e hoje, mais de setenta anos depois, são essenciais para a compreensão do passado e para a leitura do presente.

O jovem judeu Primo Levi, químico italiano, narra sua necessidade patológica de contar tudo o que havia vivido. Escreve todos os dias, após o trabalho – rotina que seguiria por toda a vida, até a aposentadoria. Além dos livros relacionados à experiência no campo de extermínio, produz ficção e poesia, trabalha como colunista no jornal italiano *La Stampa* e tradutor de Kafka e Lévi-Strauss. Apesar das ofensas sofridas, não julga seus algozes, mas tenta compreendê-los; recusa-se a enxergar uma divisão categórica entre culpados e inocentes através de uma escrita precisa, que esculpe as palavras cuidadosamente ordenadas.

Essa dissertação está dividida em três capítulos.

No primeiro, buscamos situar Primo Levi em seu contexto familiar, levando em conta os acontecimentos políticos na Itália, até sua prisão e deportação para a Polônia. Foi essencial

pontuar a zona cinzenta, modo de leitura das ambiguidades no universo concentracionário, além de apontar algumas questões relativas às dificuldades da linguagem após Auschwitz.

No segundo capítulo, apresenta-se uma leitura da questão dos diferentes silêncios que permeiam o testemunho: as dificuldades encontradas pelos sobreviventes num mundo que não estava interessado em suas experiências; o silêncio interior após o horror. O silêncio do texto como um ponto de partida, como possibilidade.

O terceiro capítulo é dedicado à leitura e análise dos silêncios em *É isto um homem?*.

## 1. Primo Levi: *homo lager*<sup>1</sup>

(...) em tempos distantes também topei com deuses em disputa entre si, também encontrei serpentes em minha estrada, e aquele encontro me fez mudar de condição, dando-me um estranho poder de palavra; mas desde então, sendo um químico aos olhos do mundo e no entanto sentindo o sangue do escritor em minhas veias, parecia levar no corpo duas almas demasiadas.<sup>2</sup>

Descendente de judeus piemonteses liberais, o filho primogênito de Cesare Levi e Ester Luzzati nasce no dia 31 de julho de 1919 em Turim. Até o período das primeiras leis raciais na Itália, Primo Levi não reflete profundamente sobre sua origem judaica. Sua família descende de banqueiros e vive um alto grau de assimilação e integração na Itália<sup>3</sup>. A infância burguesa se passa na mesma casa em que iria habitar toda sua vida (exceto pelo período em Auschwitz e o longo caminho de volta à Itália, narrado em *A trégua*). A cidade de Turim e sua organização arquitetônica têm grande influência na formação do químico e escritor.<sup>4</sup>

Em 1941, licencia-se *summa cum laude* em Química<sup>5</sup>, na Universidade de Turim. As leis raciais fascistas de 1938 significam uma dificuldade maior para encontrar um emprego (a doença do pai transfere ao primogênito Levi a responsabilidade econômica pelas mulheres da família: a mãe e a irmã Anna Maria). Exerce ocupações precárias em San Vittore, numa mina de extração de níquel (que dá origem ao conto *Níquel*, em *A tabela periódica*) e também em Milão, numa empresa suíça que desenvolvia pesquisas relacionadas ao diabetes.

---

<sup>1</sup> Expressão de Paul Steimberg que denomina o habitante do campo no qual as marcas humanas começam a ser desfeitas. Steimberg é Henry, autor do texto *Speak you also* e prisioneiro em Auschwitz com Levi.

<sup>2</sup> LEVI, Primo. *A chave estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

<sup>3</sup> “At 75 Corso Re Umberto, it is true, the family’s Jewish identity was not strong. Ester and Cesare Levi were so integrated within Gentile society that they were virtually indistinguishable from the Catholic majority”. Na rua Corso Re Umberto 75, é verdade, a identidade judaica familiar não era forte. Ester e Cesare Levi estavam tão integrados à sociedade dos gentios que eram semelhantes à maioria católica (tradução nossa).

THOMSON, Ian. *Primo Levi*. London: Hutchison, 2002, p. 33)

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 352.

“Turin was logical, spacious, self-controlled. He believed that the city’s orderly layout is mirrored in the restrained character of the Turinese. In their dialect they like to say: ‘*Esageroma nen*’, ‘Let’s not exaggerate’. Levi would uphold this virtue of concision in his writing, just as much as in his life”. Turim era lógica, ampla, autocontrolada. Ele acreditava que o layout organizado da cidade se espelhava no caráter contido dos turinenses. No dialeto que eles diziam: ‘*Esageroma nen*’, ‘Não exageremos’. Levi iria preservar essa concisão em sua escrita, e também em sua vida. (tradução nossa)

<sup>5</sup> LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rocco, São Paulo: 1988, p.108.

Quando foram promulgadas as leis raciais, eu tinha dezenove anos. Estava matriculado no primeiro ano do curso de química em Turim. Uma disposição transitória providencial e misteriosa ainda me concedia terminar os estudos. Devo confessar que não me sentia mal no ambiente asfixiante da universidade de então. Entre os estudantes, eram poucos os fascistas entusiastas e, em geral, não eram perigosos. Eles também ficaram perplexos diante das novas leis, que desde o início pareciam um arremedo tolo de leis alemãs análogas e mais severas; mas dominava um ceticismo geral que inclusive me contagiou: era um clima de surdez e cegueira ao qual todos sucumbiam, estudantes e professores, fascistas, antifascistas e vítimas do fascismo. Sentia-se a guerra chegando e a guerra chegou; mas, para nós, as coisas não mudaram muito. Pude continuar a estudar em meio a humilhações legais, pequenas e grandes, das quais, porém, não era difícil se defender. [...] Formei-me em 1941 com a melhor nota do curso. Muitas vezes pensei que essa nota, merecida apenas em parte, constituía um gesto de não conformismo extremamente tímido e cauteloso por parte de meus professores. Nenhum deles, porém, me aceitou como estagiário: seria uma imprudência muito grande.<sup>6</sup>

O curso relativamente normal que alguns judeus seguiram em suas vidas após a ascensão do nazismo pode ser verificado em outras trajetórias. Era difícil acreditar, naquela época, que os desdobramentos da eleição do partido de Hitler seriam tão trágicos e bárbaros. Elie Wiesel descreveu os inúmeros avisos sobre o tratamento dado aos judeus pelos alemães. No pequeno povoado de Sighet, na Transilvânia, os boatos se transformaram em verdade somente quando os alemães invadiram a cidade.<sup>7</sup>

Em 1942, Cesare Levi falece em decorrência de um câncer de estômago. Com a prisão de judeus estrangeiros na Itália, a mãe Ester e a irmã Anna Maria escondem-se em Saint-Vincent, a 90 km de distância de sua cidade natal. Permaneceriam em relativa segurança até o final da guerra.

Em setembro de 1943 os alemães ocupam Turim. Em outubro do mesmo ano, juntamente com alguns amigos, Levi junta-se ao grupo de resistência denominado Justiça e Liberdade (*Giustizia e Libertà*): “Por volta de 8 de setembro, sendo judeu, e, portanto, excluído do Exército e da universidade, integrei-me a um grupo da Resistência”.<sup>8</sup>

Os inexperientes “partisans” incluíam a colega de profissão e amor platônico Vanda Maestro (assassinada em Auschwitz) e a estudante de medicina Luciana Nissim (sobrevivente, provavelmente porque conseguiu exercer seu ofício em Birkenau).

---

<sup>6</sup> LEVI, Primo e BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 92-93.

<sup>7</sup> WIESEL, Elie. *Night*. New York: Hill and Wang, 2006.

<sup>8</sup> LEVI e BENEDETTI, 2015, p. 103.

Primo, Luciana e Vanda são delatados e presos no campo de Fossoli, no vale de Aosta, em dezembro de 1943. A fim de escapar da punição pelas atividades políticas de resistência, Levi declara-se “cidadão italiano de raça judia”<sup>9</sup>.

Pouco tempo depois, em 13 de dezembro, após uma denúncia, uma grande busca da milícia fascista nos apanhou totalmente desprevenidos. Muitos conseguiram fugir; eu fui capturado. Tinha documentos falsos e talvez pudesse ter ocultado o fato de ser judeu. Mas admiti, no segundo ou terceiro interrogatório. Avaliando retrospectivamente, sem dúvida foi um erro tosco, mas naquele momento pareceu-me a melhor justificativa para ter passado à clandestinidade. E, além disso, parecia-me uma desonra renegar minhas origens (como podem ver, eu era muito jovem e ingênuo!).

Fui mandado para Fossoli, para onde iam todos os judeus capturados no norte da Itália. Havia homens, mulheres, crianças; saudáveis, doentes, moribundos; milionários e mendigos; todos à espera de algo terrível; mas ninguém podia imaginar o que se seguiria. Quando chegamos a um total de 650 pessoas, as SS apareceram e anunciaram que em dois dias partiríamos todos, sem exceção. Para onde? Não se sabia.<sup>10</sup>

Os judeus italianos em Fossoli deveriam se preparar para uma viagem de quinze dias para uma região fria. No total, 650 pessoas foram transportadas em vagões de carga, sem cobertas ou colchões; um “banheiro” foi improvisado com um lençol e pregos. As idades dos deportados variavam entre três meses e setenta e cinco anos. A viagem até Auschwitz durou cinco dias.

Os vagões tinham apenas um pouco de palha no piso e nenhum tipo de sanitário ou balde. Como no nosso havia crianças, nos deram alguns penicos, com os quais nos livrávamos dos excrementos através da janelinha do vagão. Podia-se descer apenas uma vez por dia, às vezes em estações, outras vezes em campo aberto. Em ambos os casos, os prisioneiros deviam fazer suas necessidades pessoais publicamente, sob os vagões e nas proximidades imediatas, e misturados, homens e mulheres. A escolta estava sempre presente. À noite, só havia espaço para dormir deitado de lado no chão e comprimidos uns nos outros. Os vagões não dispunham de aquecimento e a geada se condensava no interior. Na madrugada fazia muito frio, de dia sofria-se um pouco menos, pois podíamos nos movimentar.

No que se refere à alimentação, fora-nos permitido providenciar algumas reservas de pão, geleia e queijo e água; os dois primeiros eram em medida suficiente para não passarmos fome, mas a água era muito escassa, porque em Fossoli não possuíamos recipientes; todos sofreram gravemente de sede. A escolta nos proibia de pedir água do lado de fora e de recebê-la pela janelinha.<sup>11</sup>

---

<sup>9</sup> LEVI, Primo. *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 12.

<sup>10</sup> LEVI, BENEDETTI, 2015, p. 94 e 95.

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 127-8.

Auschwitz, o destino, é apenas um nome desconhecido dos deportados italianos. A seleção acontece logo na chegada: saudável, doente; esquerda, direita; jovem, idoso. De modo sumário, mais de quinhentas pessoas são encaminhadas para as câmaras de gás e, posteriormente, ao crematório.

Primo Levi tem vinte e quatro anos de idade em 1944, quando passa pelos portões que marcam o limite entre dois mundos: *Arbeit Macht Frei*<sup>12</sup>. Durante onze meses, o *häftling*<sup>13</sup> 174 517 vive na pele a aniquilação do homem, projeto racional, industrial e moderno, arquitetado pela Alemanha nazista e seus colaboradores.

Após a libertação, pelos exércitos americanos e soviéticos, dos campos de concentração e de extermínio, Levi percorre um longo caminho de volta à Itália e sua residência em Turim. A partir de então, o relato de sua experiência em Auschwitz começa a se materializar: escrever torna-se necessidade. Comunicar a experiência dos “não-homens que marcham e se esforçam em silêncio”<sup>14</sup> resulta na obra prima *É isto um homem?*. Escrever é o longo processo através do qual o *häftling* reencontra sua humanidade.

As coisas vistas e sofridas me queimavam por dentro; me sentia mais perto dos mortos que dos vivos, culpado de ser homem porque os homens edificaram Auschwitz, e Auschwitz engolira milhões de seres humanos assim como muitos amigos meus e uma mulher que levava no coração. Me parecia que, para purificar-me, só através da narração, e me sentia como o Velho marinheiro, de Coleridge, que segura pelo caminho os convidados que vão à festa para infringir –lhes sua história de malefícios. Escrevia poemas concisos e sangrentos, narrava vertiginosamente, tanto por escrito como oralmente, tanto que pouco a pouco nasceu daí um livro : escrevendo encontrava um pouco de paz e me sentia de novo um homem, igual a todos, nem mártir nem infame e muito menos santo, um daqueles que criam família e olham para o futuro antes que para o passado.<sup>15</sup>

Entretanto, para além dessa comunicação, a escrita do autor aponta para uma tentativa de compreensão e pretende “fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana”<sup>16</sup>. Nogueira descreve Primo Levi como a voz que faz renascer a narrativa, numa época pós-catástrofe.<sup>17</sup>

---

<sup>12</sup> A infame afirmação nos portões de Auschwitz: *O trabalho liberta o homem* (em alemão).

<sup>13</sup> Prisioneiro, em alemão.

<sup>14</sup> LEVI, 1988, p. 91.

<sup>15</sup> LEVI, Primo. *A tabela periódica*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994, p.151.

<sup>16</sup> LEVI, 1988, p. 7.

<sup>17</sup> NOGUEIRA, Roberto. *Primo Levi, o narrador do inenarrável*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, out. 2010.



Nesse sentido, após a perda das ações da experiência e o rompimento dos laços sociais entre as gerações, o autor italiano, com sua linguagem clara e o saber baseado na experiência prática (Auschwitz), apresenta-se como uma possibilidade, uma luz pós-barbárie.

Químico de formação, volta a exercer sua profissão na Itália pós-guerra. Ao trabalho de escritor são reservadas as noites e os finais de semana. O texto que se tornará sua obra fundamental é produzido a partir de uma pulsão interior, uma vontade primordial de ordenar as lembranças e pesar os acontecimentos.

A necessidade de contar aos outros, de tornar os outros participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior.<sup>18</sup>

Levi escreveu contos, romances e poemas, além de sua obra relacionada diretamente à experiência em Auschwitz. Quando sente que suas palavras sobre o Campo se esgotam, volta-se à ficção. A diversificação de gêneros literários tenta responder uma pergunta do químico Levi: sem a experiência primordial de Auschwitz, a escrita teria surgido como possibilidade?

Segundo Dias,<sup>19</sup> Levi foi incompreendido por seus leitores quando escreveu e publicou ficção científica. O conjunto de textos que resultou em suas Histórias Naturais foi assinado com o pseudônimo Damiano Malabaila, como forma de desvincular seu nome da literatura de testemunho e provar para si mesmo sua capacidade de escrever literatura não relacionada ao campo de extermínio. Os textos ficcionais de Levi apresentam uma batalha entre o ser biológico (e seu instinto de sobrevivência) e uma estrutura social, burocrática e tecnológica, que dificulta e impede a continuidade da vida. Suas obras não relacionadas à experiência do Lager distanciam-se da visão humanista do sobrevivente, apresentando “representações ficcionais de um universo de dúvidas que Levi mitigara ou reprimira voluntariamente em seus relatos autobiográficos”.<sup>20</sup>

Alcebiades Miguel<sup>21</sup> busca a relação entre a literatura de/sobre o Campo e a literatura ficcional do autor, analisando especificamente os textos de *É Isto um Homem?*, *A trégua* e os

---

<sup>18</sup> LEVI, 1988, p.8.

<sup>19</sup> DIAS, Maurício. Prefácio à antologia de contos. In: *71 contos de Primo Levi*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

<sup>20</sup> Ibid., p. 15.

<sup>21</sup> MIGUEL, Alcebiades D. *Um bestiário universal: ironia e pessimismo na ficção de Primo Levi*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 3, n. 4, mar. 2009.

contos fantásticos em *Histórias Naturais*. As obras percorrem caminhos diferentes: enquanto a literatura relativa ao testemunho caminha para uma ideia de libertação, os contos fantásticos culminam numa claustrofobia potencialmente factível. Nesse percurso, a ironia é identificada como elemento que liga a obra do autor italiano, de ponta a ponta. Na literatura relacionada ao Campo, a ironia mostra-se na descrição meticulosa das práticas sociais do Lager: “*hoje é um dia bom*” - referindo-se a um dia de trabalho no inverno polonês no qual o sol apareceu com seu brilho fraco e “*sorte que hoje não há vento*”<sup>22</sup>, ao analisar as dificuldades relativas ao trabalho na lama durante uma chuva torrencial. Na obra ficcional fantástica a ironia aparece na crítica ao capitalismo e à sociedade industrial, que reduzem e coisificam o ser humano. Para Miguel,

[...] há certa continuidade entre seus contos fantásticos, situados no terreno amplo e generoso da ficção científica de intenções filosóficas, a sua prosa-testemunho. [...] O escritor cria, dessa forma, um alargamento das dimensões do mencionado universo, desfazendo, assim, a limitação temporal do fato testemunhado (no caso da experiência concentracionária por ele relatada) e a contenção no terreno imaginário de uma *suspension of disbelief* da trama construída (em sua ficção fantástica).<sup>23</sup>

Para Tzvetan Todorov, Levi consegue transformar atrocidades em uma reflexão que pode ser comunicada ao leitor. Ele está além do ódio e da resignação quando reflete sobre o Lager. Ao apontar a importância do testemunho de Levi, analisa, entre outros fatores, o seu posicionamento em relação aos seus algozes. O desejo de vingança apenas se manifesta na perspectiva de uma reparação através das leis, pois a necessidade de compreender o outro é maior: “as atrocidades do passado não são esquecidas, mas formam agora a matéria de uma reflexão comunicável, à qual são convidados não-sobreviventes como nós”.<sup>24</sup>

Respondendo à rotulação de Jean Améry de “perdoador”<sup>25</sup>, Levi afirma que o termo é apenas uma imprecisão. Ele se abstém de fazer qualquer tipo de julgamento antes de tentar compreender todos os mecanismos que operavam no universo Auschwitz.

Todorov aponta como outras características de seu testemunho a “qualidade da reflexão, a recusa do maniqueísmo, as interpretações prudentes, os julgamentos matizados e o humanismo”.<sup>26</sup> É importante mencionar um certo abatimento no ânimo dos sobreviventes.

---

<sup>22</sup> LEVI, 1988. p. 73 e 133.

<sup>23</sup> MIGUEL, 2003, p.3.

<sup>24</sup> TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo. Tradução de Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky*. Campinas: Papyrus, 1995, p.286.

<sup>25</sup> LEVI, *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004b, p. 117.

<sup>26</sup> TODOROV, 1995, p. 287.

A explicação de Todorov é que a existência do campo mobilizou todas as capacidades dos prisioneiros, e após a intensidade dessa experiência tudo fora dela parecia falso e tedioso.

A relevância da obra de Primo Levi também relaciona-se à desmitificação do genocídio, conforme a análise de Guershon Shaked. A descrição de sua experiência no Lager é a tentativa de reencontrar humanidade numa realidade em que o homem encontrava - se aniquilado. *É isto um homem?* não apresenta julgamentos ou momentos melodramáticos; desta forma o tempo não invalida ou faz com que a obra torne-se ultrapassada.

O poder da literatura não se expressa por uma repetição dos mitos existentes e do texto histórico usualmas nas inovações e, ao menos, em sua modificação. A literatura não pode se bastar com o melodrama histórico e utiliza a responsabilidade moral de modo firme. Quanto mais ela é complexa, mais se recebe dela uma concepção moral complexa. Quanto mais o texto histórico é simples do ponto de vista de responsabilidade moral, mais a literatura se encontra diante de um estímulo maior.<sup>27</sup>

Diante da experiência do campo, Levi conduziu sua escrita sobre Auschwitz de forma racional e analítica. A atribuição de responsabilidade será parte de uma construção conceitual desenvolvida através da reflexão profunda, que buscará, em primeiro lugar, a compreensão do nazismo e seus tentáculos na sociedade europeia racional e moderna.

### **1.1. Primo Levi: Isto é um homem.**

Se “a memória humana é um instrumento maravilhoso, mas falaz”<sup>28</sup>, Levi luta com as suas lembranças de modo que o tempo não modifique sua essência. Sua escrita ponderada e a racionalização das experiências estão presentes em sua narrativa, mesmo que *É isto um homem?* não apresente uma ordem cronológica exata, já que sua escrita está relacionada a um processo de libertação.

Mário Barenghi<sup>29</sup> analisa a tradição memorialista passando pelas autobiografias dos séculos XVIII e XIX (a princípio, figuras extraordinárias e solitárias; depois indivíduos cujos destinos pessoais se entrelaçam com conflitos coletivos), até chegar ao século XX, no qual a autobiografia coloca em jogo a definição de uma identidade. No caso específico de Levi, uma

---

<sup>27</sup> GUERSHON, Shaked. *Quem é o culpado? Ruptura das convenções na observação da temática do Holocausto*. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica n.2, p.142.

<sup>28</sup> LEVI, 2004b, p.19.

<sup>29</sup> BARENGHI, Mario. *A memória da ofensa: recordar, narrar, compreender*. Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, n.73, Nov. 2005.

identidade negada, ou uma não-identidade. Assim, a história de vida é substituída por uma história de sobrevivência, e uma nova ênfase é colocada: “o vértice da reflexão autobiográfica consistirá sobretudo na consciência de ter de falar em nome de quem perdeu, antes da possibilidade de escrever, o sentido do próprio eu”.<sup>30</sup>

A identidade como expressão do *self*, que envolve um conjunto de percepções sobre que somos em relação a nós mesmos, aos outros e aos sistemas sociais é uma questão ampla, e acima de qualquer disputa étnica, humana. A identidade também envolve um autoconceito, ou seja, ideias que temos sobre nós mesmos. É uma forma de se orientar em relação ao outro e ao contexto em que indivíduo está inserido. A expressão da identidade é importante no sentido do pertencimento: fazer parte de uma cultura ou grupo. Entretanto, esse pertencimento vem carregado de ambiguidades, que a princípio parecem fazer com que o tema seja impossível de articular.

A formação da identidade judaica é um processo complexo, visto que esta se encontra articulada a uma história carregada de exílios, assimilações, catástrofe e renascimento. Não cabe neste trabalho dissertar sobre os diferentes processos de formação da identidade judaica. Cada grupo (ashkenazim leste-europeus, sefaradim, mizrahim) tem seu percurso particular. Sobre o processo de formação da identidade dos judeus da Europa Central e sua importância no contexto europeu Steiner afirma:

No que tange ao pensamento e às realizações seculares, o período da história judaica que terminou em Auschwitz superou até a era brilhante da coexistência na Espanha islâmica. Durante cerca de um século, desde a emancipação dos guetos pela Revolução Francesa e por Napoleão, até a época de Hitler, os judeus participaram do apogeu moral, intelectual e artístico da Europa burguesa. O longo isolamento no gueto, o humor e a percepção nervosa aguçados no esmeril da perseguição tinham acumulado grandes reservas de consciência. Liberada à luz, uma certa elite judaica, e o círculo mais amplo da classe média que se orgulhava e se interessava por seus feitos, acelerou e complicou toda a configuração do pensamento ocidental. A cada área trouxeram concepções radicais: mais especificamente, os judeus mais talentosos reapossaram-se de certos elementos cruciais da civilização europeia clássica a fim de torna-los novos e problemáticos. Tudo isso é bem conhecido; assim como é a inevitável observação de que o teor de modernidade, os moldes de conhecimento e de indagação segundo os quais ordenamos nossas vidas são, em grande parte, obra de Marx, Freud e Einstein.<sup>31</sup>

O pertencimento é uma questão rica, presente ao longo do desenvolvimento da história judaica. Com a Hascalá (ou Iluminismo Judaico iniciado por Moses Mendelssohn) e o

---

<sup>30</sup> BARENGHI, 2005, p.3.

<sup>31</sup> STEINER, George. *Linguagem e silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 123.

processo de assimilação dos judeus às culturas europeias nas quais estavam inseridos, a ideia de pertencimento se fragmentou. As múltiplas possibilidades de respostas ao dilema de ficar no bairro judaico ou incorporar-se à sociedade moderna contribuíram para a intensificação do sentimento de ambiguidade. Além disso, essas transformações ocorreram em um curto período de tempo. Com o advento de Auschwitz, e a campanha difamatória contra o povo judeu, essa identidade enfrenta mais uma crise. O que esse indivíduo representa, para si e para os outros, encontra-se dilacerado e fragmentado: o indivíduo não encontra seu lugar (ou pertencimento) no contexto social em que está inserido; sua identidade é percebida como ambiguidade; o indivíduo tem na expressão da sua identidade um impedimento para a realização de sua felicidade e até mesmo como um obstáculo à continuidade de sua vida.

De acordo com Paul Ricoeur, a reflexão deve estar presente quando a escrita parte da memória e deve reconhecer a distância entre o vivido, o lembrado e o falado. Desse modo, o testemunho pode funcionar como um diálogo com o leitor, ao invés de suscitar incredulidade. Desse modo, “o testemunho de Levi situa-se no processo de mudança da memória declarada para a esfera pública que instaura uma relação dialógica entre ‘aquele que lembra’ e narra suas lembranças e ‘aquele que ouve’, recebe e acredita na narração”.<sup>32</sup>

Primo Levi finaliza *É isto um homem?* no início de 1947. A narrativa dá conta dos acontecimentos do período de captura do partisan inexperiente na Itália até a chegada dos soviéticos em janeiro de 1945. Dezessete capítulos escritos “não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência”<sup>33</sup> descrevem minuciosamente a entrada no universo Auschwitz. A viagem de trem e o início da separação dos prisioneiros e o mundo dos vivos, o processo de aniquilação da identidade através da destituição de todos os bens anteriores e o novo nome através da marca desumana tatuada no braço esquerdo. A incompreensão mediante ordens dadas em alemão (a língua do Reich foi imposta aos prisioneiros de diversas nacionalidades europeias); a solidão e a constatação de que todos seriam inimigos em potencial, somadas ao esvaziamento do significado das palavras potencializam o inferno Lager. Descrevendo e ordenando Auschwitz, Levi escolhe como uma chave interpretativa a *zona cinzenta*, onde não é mais possível delimitar com exatidão ideias como bem ou mal, inocente ou culpado e certo ou errado.

---

<sup>32</sup> SILVA e PEREIRA. *História, memória e distância*. Revista de Teoria da História Ano 5. n.9. Jul. 2013, p.63.

<sup>33</sup> LEVI, 1988, p. 8.

Blikstein propõe um novo olhar semiótico<sup>34</sup> para analisar a obra de Levi: há impasses enfrentados pelos sobreviventes: a falta de credibilidade de sua mensagem (pelo caráter único do evento-limite), a percepção fragmentária da realidade (a experiência de cada prisioneiro não continha um olhar do todo), a impossibilidade da comunicação da experiência integral (pois todos que foram até o final do experimento nazista não puderam voltar) e as diferenças entre os repertórios dos sobreviventes e dos ouvintes (a passagem do tempo muda a percepção do evento, tanto pelos sobreviventes quanto seus ouvintes). A realização de Auschwitz fez com que um novo sentido para o mundo *tivesse que ser produzido por novos arranjos sintático-semânticos no discurso dos administradores dos "Konzentrationslager" ou "K.L."*.<sup>35</sup> A partir dessas dificuldades, o autor aponta para o caminho do olhar a partir do mundo dos prisioneiros, e a *destruição da verdade interna do indivíduo a partir da destruição das representações sócio-culturais externas*.<sup>36</sup> Blikstein nomeia Primo Levi o *observador semiótico* do processo de aniquilamento.

Com a frase "A morte começa pelos sapatos", Primo Levi criou um ícone que sintetiza perfeitamente o pesadelo semiótico do universo concentracionário. Na verdade, o prisioneiro "desconstruído", destituído de suas representações sócio-culturais pessoais e familiares, já estava morto antes de entrar nas câmaras de gás. Essa é a triste originalidade do nazismo.<sup>37</sup>

É necessário observar, entretanto, que a obra testemunho de Primo Levi não se propõe a uma oferta de redenção ou a tentativa de encontrar um significado para a experiência de desumanização. Há um reconhecimento de que o humano é algo precário. Para Mario Barenghi, o texto do autor italiano é crível na medida em que ele transforma uma experiência terrível em uma oportunidade de conhecimento.

As páginas de Levi têm um forte acento de sinceridade e confiança que jorra da sua escrita; o andamento pacato e reflexivo, a recusa em ser enfático, a limpidez do estilo, o esforço do raciocínio exercitado sobre uma matéria biográfica que, por si, está muito mais apta a inspirar gemidos ou gritos, ao invés de palavras. Gritos (de dor, de raiva, indignação, esgotamento, incredulidade) ou silêncio. Fala com voz suave (jamais fraca, jamais tênue) e, acima de tudo, firme, ainda que não monocórdica (é tudo menos isso), nem uniformemente assertiva (ao contrário, as interrogações são bastante frequentes).<sup>38</sup>

---

<sup>34</sup> Segundo Blikstein "ao debruçar-se sobre o discurso, o olhar semiótico procura captar não só o visível mas, sobretudo, o inteligível. Em outras palavras, a semiótica nos permite perceber como atuam as representações sócio-culturais externas na estrutura interna dos indivíduos."

BLIKSTEIN, Izidoro. *A semiótica do aniquilamento em Auschwitz*. Italianistica., ano IV, n.4, 1996, p. 143.

<sup>35</sup> Ibid., p. 139.

<sup>36</sup> Ibid., p. 144.

<sup>37</sup> Ibid., p. 147.

<sup>38</sup> BARENGHI, Mario. *Por que acreditamos em Levi*. Tradução: Pedro Spinola. Revista Digital do NIEJ | Ano

Episódios depressivos acompanham Primo Levi ao longo de sua vida adulta. Com uma carreira consolidada na indústria de vernizes SIVA e a desejada aposentadoria em dezembro de 1974 (que lhe permitiria dedicação total ao ofício da escrita), sua saúde mental dá sinais de alerta: crises de tristeza, além do fardo emocional de cuidar da mãe e sogra idosas e doentes intensificam sua melancolia. A vida em família restringe sua liberdade. Uma pequena intervenção cirúrgica na próstata também é apontada como um agravante. Em uma carta ao amigo Leonardo Benedetti, escreve: “Eu não me reconheço mais. Tudo o que quero é voltar a ser o primolevi normal”.<sup>39</sup>

Sua morte ocorreu em 1987 e gerou análises imprecisas e superficiais. Suas obras foram traduzidas em trinta e oito idiomas. Elie Wiesel afirmou que “Primo Levi morreu em Auschwitz, 40 anos depois”.<sup>40</sup> Renzo Levi, seu filho, analisa a morte do pai: “Agora todos querem entender, compreender, sondar. Eu acho que meu pai já havia escrito o último ato de sua existência. Releia a conclusão de *A Trégua* e você irá entender”.<sup>41</sup> O trecho refere-se a um sonho-pesadelo no qual ele retorna a Auschwitz: estou de novo no Lager, e nada era verdadeiro fora do Lager.<sup>42</sup>

*Sonhávamos nas noites ferozes  
Sonhos densos e violentos  
Sonhados de corpo e alma:  
Voltar; comer; contar.  
Então soava breve e submissa  
a ordem do amanhecer:  
“Wstavach”;  
E se partia no peito o coração  
Agora reencontramos a casa,  
Nosso ventre está saciado,  
Acabamos de contar.  
É tempo.  
Logo ouviremos ainda o comando estrangeiro:*

*Wstavach”.*<sup>43</sup>

---

5 | N.9 | 2015, p.16.

<sup>39</sup> THOMSON, 2002, p.352. “I no longer recognize myself. All I want is to go back to being the normal primolevi”. (tradução nossa)

<sup>40</sup> Jornal La Stampa, 14 Abr., 1987.

<sup>41</sup> “Now everyone wants to understand, to grasp, to probe. I think my father had already written the last act of his existence. Read the conclusion of *The Truce* and you will understand. (tradução nossa)

<sup>42</sup> LEVI, Primo. *A trégua*. São Paulo: Planeta de Agostini, 2004a, p. 359.

<sup>43</sup> LEVI, 2004a., p.5.

## 1.2. A zona cinzenta, uma permanência

Shoshana Felman afirma a importância do testemunho como “modalidade crucial” através da qual nos relacionamos com o nosso tempo.

Como uma forma de relação com os eventos, o testemunho parece ser composto de pequenas partes de memória que foram oprimidas pelas ocorrências que não tinham se assentado como compreensão ou lembrança, atos que não podem ser construídos como saber nem assimilados à plena cognição, eventos em *excesso* em relação aos nossos quadros referenciais.<sup>44</sup>

É fato que não é possível expressar o que foi Auschwitz através da língua anterior à barbárie. Outras complicações, relacionadas às memórias dos sobreviventes e sentimentos de culpa dificultam essa escrita. Apesar deste excesso, Primo Levi produz um relato conciso e mediado pela busca constante das palavras justas e propõe uma leitura da realidade vivida através do conceito da *aria grigia*, ou zona cinzenta.

É uma zona cinzenta, com contornos mal definidos, que ao mesmo tempo separa e une os campos dos senhores e escravos. Possui uma estrutura interna incrivelmente complicada e abriga em si o suficiente para confundir nossa necessidade de julgar.<sup>45</sup>

Como um químico por formação, a busca pelas respostas claras e seus contornos bem definidos orientou sua vida pré-Auschwitz. Entretanto, a experiência como prisioneiro refletiu sobre essa visão de mundo: a oposição entre bem e mal (ou vítimas e agressores) já não era mais possível. Na vida cotidiana, a delimitação entre vítimas e opressores é mais nítida do que no Lager. Levi não questiona os conceitos de bem ou mal; após a barbárie nazista, e todas as relações sociais que se estabeleceram entre as vítimas do regime e seus perpetradores, não é possível fazer afirmações categóricas sobre culpa ou inocência. A visão maniqueísta aparece, frequentemente, quando se elaboram juízos a respeito de acontecimentos nos campos nazistas. É uma complicação decorrente da simplicidade de análise, por exemplo, da atribuição de juízos de valor aos que escaparam com vida, como se eles tivessem alguma vantagem em relação aos que não sobreviveram. Esse tipo de olhar pode ser considerado ingênuo, tendo em vista que as histórias dos sobreviventes são únicas, e carregadas de variáveis extremamente complexas, mesmo que estes tenham sido deportados para o mesmo lugar geográfico.

---

<sup>44</sup> FELMAN, Shoshana. *Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino*. In: NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p.18.

<sup>45</sup> LEVI, 2004b, p. 36.



O ideia da zona cinzenta aparece esboçada no capítulo *Os submersos e os salvos*, do primeiro livro de Levi, para voltar em sua última obra publicada em vida – *Os afogados e os sobreviventes*. Segundo Carlo Ginzburg<sup>46</sup>, existe uma diferença de tons entre as duas: na primeira, Levi escreve como uma testemunha que relembra; na segunda, como uma testemunha que está refletindo. Entre as duas obras há um intervalo de quarenta anos.

Martina Mengoni aponta a importância do conceito. Num contexto em que acontecia uma cristalização da imagem do Lager, Primo Levi escreve *Os Afogados e os Sobreviventes* para combater essa visão. Segundo a autora, a zona cinzenta – como instrumento de análise – possui três características: o *isolamento* (aos recém-chegados prisioneiros não era oferecida solidariedade), o *privilegio* (uma estrutura baseada em privilégios estimula a competição e também enfraquece eventuais tentativas de rebelião) e a *intoxicação pelo poder* (a princípio, é necessário obter algum tipo de poder para sobreviver; posteriormente essa sobrevivência é buscada para a manutenção do poder). A vítima, corrompida pelo opressor, torna-se um vetor de opressão.<sup>47</sup>

Mengoni e Ginzburg concordam que a zona cinzenta é uma categoria útil para análise da realidade do Lager. Levi, em sua escrita, refletiu o caráter analítico de sua profissão: transpôs, em sua obra, a jornada do cientista ao elaborar formas de observar e classificar o ser humano e as suas experiências.

A busca pela compreensão movia Levi: em sua vida como estudante universitário as respostas dependiam de esforço intelectual voltado à matéria, e esta, se analisada corretamente, traria respostas satisfatórias. Em Auschwitz, a matéria era humana, instável; permeada pela ambiguidade. Sobre a sua busca pela compreensão da barbárie Levi afirma: “Em uma perspectiva mais ampla também, porque há um outro nível de entendimento que me interessa como um químico, eu quero entender o mundo ao meu redor”<sup>48</sup>.

Em *Os afogados e os sobreviventes*, considerado como o testamento intelectual do autor, apresenta-se essa zona cinzenta, habitada pelos prisioneiros que, movidos pela fome extrema, aceitam posições de trabalho que resultam em pequenas vantagens. Desde o pequeno trabalhador, inofensivo (os arrumadores de cama, inspetores de piolhos) até o trabalhador da

---

<sup>46</sup> GINZBURG, Carlo. *Calvino, Manzoni and the Gray Zone*. Turin, Centro Internazionale di Studi, 2012.

<sup>47</sup> Em 1972, Isaiah Trunk publicou um importante e denso estudo sobre os Judenrat (Conselhos Judaicos – responsáveis por implementar as políticas nazistas nos guetos. As tarefas atribuídas aos membros dos Conselhos eram profundamente complexas, como, por exemplo, a elaboração das listas de deportados).

<sup>48</sup> GINZBURG, 2012, p. 6. In a wider sense also, because there is another level of understanding that interests me as a chemist, *I want to understand the world around me*”. (tradução nossa)

“Em uma perspectiva mais ampla também, porque há um outro nível de entendimento que me interessa como um químico, eu quero entender o mundo ao meu redor. (tradução nossa)

elite (os chefes – Kapos – que detinham o poder de vida e morte). Uma análise cuidadosa refere-se aos *Sonderkommando* (Comandos Especiais - os trabalhadores da morte, responsáveis pelas operações relativas às câmaras de gás e os fornos crematórios). Cabe observar que, essa elite de trabalhadores, uma vez envolvida nessa relação de poder, não poderia mais voltar a ser um exemplar do prisioneiro comum, trazendo mais um elemento de complexidade para essa categorização.

A figura controversa de Mordechai Rumkowski faz parte da reflexão. Presidente do Gueto de Łódź durante quatro anos, viveu a ambiguidade de ser um judeu que de certa maneira auxiliou a execução de etapas que levaram à Solução Final. Levi não julga Rumkowski como um monstro e não acredita que ele possa ser classificado como um homem comum: “[...] ele era a expressão clara da conhecida síndrome do poder exacerbado e insuperável: a visão distorcida do mundo, a arrogância dogmática, o apego ferrenho às palavras de comando, a soberba diante das leis”.<sup>49</sup>

Dessa zona cinzenta nasce a *impotentia judicandi*<sup>50</sup>, ou seja, a impossibilidade de julgamento. Não é possível atribuir culpa ou inocência ao homem extenuado pela fome. Não se deve esquecer a pressão extrema e sem interrupção à qual os prisioneiros foram submetidos.

O mundo no qual se precipitava era decerto terrível, mas também indecifrável: não era conforme a nenhum modelo, o inimigo estava ao redor mas também dentro, o “nós” perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira mas muitas e confusas, talvez inúmeras, separando cada um do outro. Entrava-se esperando pelo menos a solidariedade dos companheiros de desventura, mas os aliados esperados, salvo casos especiais, não existiam; existiam, ao contrário, mil mônadas impermeáveis e, entre elas, uma luta desesperada, oculta e contínua. Essa revelação brusca, que se manifestava desde as primeiras horas de cativo, muitas vezes sob a forma imediata de uma agressão concêntrica por parte daqueles em que se esperava encontrar os futuros aliados, era tão dura que logo derrubava a capacidade de resistir. Para muitos foi mortal, indiretamente ou até diretamente: é difícil defender-se de um golpe para o qual não se está preparado.<sup>51</sup>

Esse lugar, Auschwitz, é onde se pode refletir sobre a natureza da dominação total (ou dominação totalitária, onde todos os homens são igualmente supérfluos).<sup>52</sup> O mundo organizado, categorizado, se dissolvia em seu território. Sua fragmentação contribuía para a desorientação dos homens-número, sem passado ou futuro.

---

<sup>49</sup> LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 398-9.

<sup>50</sup> LEVI, 2004b, p. 51.

<sup>51</sup> LEVI, 2004b, 32-3.

<sup>52</sup> BRAVO, Anna. *On the gray zone*. Turin, Centro Internazionale di Studi, 2012, p.1.

Giorgio Agamben refere-se à uma “alquimia cinzenta, incessante, na qual o bem e o mal e, com eles, todos os metais da ética tradicional alcançam seu ponto de fusão”.<sup>53</sup> Por um lado, a zona cinzenta é um instrumento de análise que ajuda a enxergar as relações sociais no Lager de maneira menos simplificada. Por outro, a sua ambiguidade não ajuda a trazer uma solução para qualquer problema relacionado às histórias únicas e complexas dos indivíduos desse tempo. Compreender e julgar são categorias diferentes. A tentativa de enquadrar o mundo em categorias rígidas reflete uma visão que não contribui para a compreensão do Lager ou da Shoá.

Zygmunt Bauman<sup>54</sup> analisa o advento da modernidade contrapondo os conceitos de sólido e líquido. A modernidade sólida caracteriza-se pela ordem, a racionalidade, a previsibilidade e uma relativa estabilidade. O indivíduo, por ser moldado por categorias estáveis (como a religião e o trabalho, por exemplo) possui uma identidade definida. Na modernidade sólida o raciocínio prático e a burocracia ajudam a organizar as atividades humanas. Além disso, a razão levaria à emancipação. No final do século XIX alguns fatores marcam a transição da modernidade sólida para a líquida: a ascensão do capitalismo global e suas consequências para o mundo do trabalho, o enfraquecimento dos governos nacionais; o advento das tecnologias de comunicação modificam a organização das sociedades, que se preocupam com os riscos globais e são marcadas por movimentos mais intensos de migração.

Não é possível *definir* a modernidade líquida, somente apontar alguns de seus aspectos mais importantes tais como as incertezas em relação ao mundo do trabalho, o ceticismo em relação ao discurso científico e o recuo do Estado de bem-estar social. Desse modo, o eu está fragmentado, já que a razão não mais leva a um resultado positivo (Auschwitz foi um produto da sociedade moderna e altamente racionalizada). O indivíduo, por não acompanhar a velocidade das mudanças na sociedade, torna-se ansioso e desorientado. Essa mudança de referencial, ou melhor, essa ausência de referenciais dialoga com Primo Levi e sua categoria analítica de zona cinzenta. Suas ambiguidades falam a respeito de um mundo onde não há mais certezas.

Essa chave de leitura das relações sociais em Auschwitz é resultado de reflexão constante, de uma escrita esculpida, que não apela para nenhum tipo de julgamento

---

<sup>53</sup> AGAMBEN, G. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008, p.30.

<sup>54</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

precipitado. Ao mesmo tempo em que o trauma do Lager continua marcado na pele, ele possibilita a emergência de uma ferramenta de análise das realidades pós-Auschwitz.

### 1.3 Algumas observações sobre a problemática da linguagem

Uma das questões relevantes da literatura de testemunho se apresenta no dilema entre *a necessidade das vítimas de falar sobre o que tinham vivido e a impossibilidade de encontrar uma linguagem adequada* que possa expressar a experiência do Lager. O absurdo da experiência traz consigo a incredulidade do leitor, visto que o extermínio nazista é “a catástrofe, por excelência, da Humanidade e que já se transformou no *definiens* do nosso século, reorganiza toda a reflexão sobre o real e sobre a possibilidade da sua representação”.<sup>55</sup> Essa problemática é abordada nas obras de testemunho produzidas por sobreviventes de campos de extermínio nazistas.

Imre Kertész afirma que a personagem de seu romance *Sem Destino*, “não viveu seu próprio tempo nos campos de concentração, pois nem seu tempo, nem a sua língua, nem mesmo a sua pessoa, são verdadeiramente dele. *Ele não se lembra, ele existe*”.<sup>56</sup> O autor aponta para um norte após a destruição: o *reconhecimento de Auschwitz como marco zero*.<sup>57</sup> A necessidade da palavra e do testemunho pode ser entendida como uma forma de resgate da humanidade, após a ‘existência’ sob a condição de homem aniquilado. E por essa razão, a dificuldade de articulação da experiência tem significado mais profundo: buscar as palavras que possam comunicar a desumanização, ao mesmo tempo em que se resgata sua própria humanidade. Contar sua história é vital para desencadear o processo de libertação do trauma.

“(…) o testemunho deve ser visto como uma forma de esquecimento, uma fuga para frente, em direção à palavra e um mergulhar na linguagem, como também, por outro lado, busca-se igualmente através do testemunho, a libertação da cena traumática. Os sobreviventes de Auschwitz convivem com a polaridade – muitas vezes posta de modo a não deixar escolha – entre o viver e o lembrar. O silenciar alia-se, muitas vezes, ao viver”.<sup>58</sup>

É importante compreender uma impossibilidade que acompanha a leitura de textos a

---

<sup>55</sup> NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000, p. 75.

<sup>56</sup> KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p.14.

<sup>57</sup> *Ibidem*, p. 17.

<sup>58</sup> HARTMAN, G. In: *Catástrofe e representação*, São Paulo: Escuta, 2000, p. 90.

respeito dos Campos: o seu correspondente no universo do leitor não pode ser encontrado. Neste sentido, é necessário ressaltar a artificialidade de algumas obras produzidas pós-Auschwitz, que através de representações grotescas tentam recriar espaços como campos de extermínio, câmaras de gás e fornos crematórios. Gagnebin afirma a necessidade de reconhecer que o horror não é um produto cultural e deve-se “evitar que o princípio de estilização artístico torne Auschwitz representável, isto é, com sentido, assimilável, digerível, enfim, transforme Auschwitz em mercadoria que faz sucesso”.<sup>59</sup>

Em 2018 foi publicado o livro *O tatuador de Auschwitz*, escrito por Heather Morris<sup>60</sup>. A obra, baseada na vida de Lale Sokolov, judeu da Eslováquia deportado para Auschwitz, foi analisada por historiadores do Museu Estatal de Auschwitz e apresenta inúmeras incoerências e contradições, além de detalhar relações sexuais entre o protagonista e sua namorada Gita Fuhrmannova (dois prisioneiros em Auschwitz). Há incorreções em mapas e descrições do espaço do Lager, logo, este livro não pode ser considerado um documento histórico ou um romance histórico, além de não ser recomendado como leitura que permita conhecer e entender o universo de Auschwitz. Apesar dessas ressalvas, o livro foi considerado um best-seller e traduzido para doze idiomas.

Alguns filmes retratam a mercantilização e estetização do horror. Em 1997, a comédia dramática *A vida é bela* (vencedora do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 1999) narra a deportação de judeus italianos para o campo de extermínio do ponto de vista de um pai e seu filho. Para que evitar o sofrimento e o trauma da criança, o pai faz com que o menino acredite que estão participando de um jogo: o prêmio para os vencedores seria um tanque de guerra. Apesar do sucesso e das críticas favoráveis, a abordagem lúdica da rotina num Lager talvez não seja a mais apropriada, além de ser problemática do ponto de vista que leva em conta o sofrimento e a desumanização que os judeus lá viveram.

A impossibilidade de representar o que *foi* o campo é o que move as narrativas. Apesar das limitações, é necessário evitar a ideia da irrepresentabilidade como algo que paralise a escrita. O silêncio que a literatura dos campos provoca deve ser acolhido. O indizível não pode tornar-se um tabu. Desse modo, essa representação através da escrita se equilibra de forma precária: é necessário encontrar uma justa medida das palavras que preserve o que não pode ser dito através delas.

Ao narrar os acontecimentos de outubro de 1944 (a grande seleção que ocorreu no

---

<sup>59</sup> GAGNEBIN, Jeanne. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006, p.76.

<sup>60</sup> MORRIS, Heather. *O tatuador de Auschwitz*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

Campo), Primo Levi aponta para um aspecto dessa dificuldade: as palavras do cotidiano anterior ao Lager não são suficientes para explicar as sensações e os sentimentos do prisioneiro confinado e marcado para morrer.

Assim como nossa fome não é apenas a sensação de quem deixou de almoçar, nossa maneira de termos frio mereceria uma denominação específica. Dizemos “fome”, dizemos “cansaço”, “medo” e “dor”, dizemos “inverno”, mas trata-se de outras coisas. Aquelas são palavras livres, criadas, usadas por homens livres que viviam, entre alegrias e tristezas, em suas casas. Se os Campos de Extermínio tivessem durado mais tempo, teria nascido uma nova, áspera linguagem, e ela nos faz falta agora para explicar o que significa labutar o dia inteiro no vento, abaixo de zero, vestindo apenas camisa, cuecas, casaco e calças de brim e tendo dentro de si fraqueza, fome e a consciência da morte que chega.<sup>61</sup>

Cláudia Mauro<sup>62</sup> propõe o inferno de Dante como chave de leitura para Auschwitz. Essa perspectiva toma como referência o capítulo 11 de *É isto um homem?*, no qual Levi tenta ensinar versos da Divina Comédia ao companheiro Jean, durante uma longa caminhada para buscar a sopa do dia. Recuperar os versos esquecidos é tarefa primordial: prova que o homem ainda é humano, que pode resistir e sobreviver. Assim como a narrativa de Ulisses apresenta-se fragmentada, com lacunas irrecuperáveis, assim se dá o testemunho dos sobreviventes.

Kertész ilumina essa questão. Sobre a relação entre linguagem e impossibilidade, afirma que é necessário recuperar uma língua para que se possa narrar a tragédia pessoal. A “língua total”, ou seja, a ausência da possibilidade de comunicação e expressão, expulsou o indivíduo de sua vida interior e aniquilou seu “eu”. Tenta-se narrar Auschwitz numa linguagem anterior a Auschwitz, apesar da barbárie. Kertész propõe o uso de uma língua atonal para falar de Auschwitz - uma língua que reconhece a perda da sua base moral e ética: uma língua *pós-Auschwitz*.<sup>63</sup>

Primo Levi refuta a ideia da incomunicabilidade: é quase impossível encontrar uma barreira linguística total, e mesmo que o indivíduo se depare com uma língua totalmente desconhecida, a *vontade* de comunicar permanece. Entretanto, Auschwitz foi a experiência da incomunicabilidade vivida de maneira extrema: saber alemão poderia significar um prolongamento da vida, enquanto que não saber significava uma morte mais rápida. A incompreensão das ordens berradas pelos nazistas contribuiu para a aniquilação da humanidade do prisioneiro através da negação da possibilidade da comunicação. Todo o

---

<sup>61</sup> LEVI, 1988, p. 125-6.

<sup>62</sup> MAURO, Cláudia. *Ulisses em Auschwitz: a releitura de um mito*. Anais do SILEL. Volume 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU, 2011.

<sup>63</sup> KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

universo dos campos funcionava em alemão, (considere-se a multiplicidade de nacionalidades existentes no Lager). Desconhecer a língua era desconhecer as regras explícitas e implícitas do campo de extermínio. Em Mauthausen, o chicote era *der Dolmetscher*, ou seja, o intérprete, aqueles que todos poderiam entender.<sup>64</sup>

As consequências desse hiato da linguagem também podem ser observadas na narrativa de Levi e seu testemunho da criança Hurbinek. Em 1945, esse “filho da morte, filho de Auschwitz” contava três anos de idade. Seus membros inferiores eram atrofiados e em seu mutismo carregava a vontade da palavra humana.

Hurbinek, que tinha três anos e que nascera talvez em Auschwitz e que não vira jamais uma árvore; Hurbinek, que combatera como um homem, até o último suspiro, para conquistar a entrada no mundo dos homens, do qual uma força bestial o teria impedido; Hurbinek, o que não tinha nome, cujo minúsculo antebraço fora marcado mesmo assim pela tatuagem de Auschwitz; Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras.<sup>65</sup>

Na escrita pode-se observar uma tentativa de resgate da humanidade do menino sem pais. A repetição Hurbinek reafirma a “vida” curta e cruel da criança de Auschwitz, esmagada e aniquilada antes do nascimento. O Lager foi o gênero de existência atribuído ao seu povo, e seu nascimento e morte configuram mais um desdobramento da máquina de extermínio nazista.

Essa ausência da dimensão humana que se dá na comunicação possui mais uma implicação. Quando não é possível comunicar-se “a língua se esvai em poucos dias, e, com a língua, o pensamento”.<sup>66</sup> Os sons das palavras estrangeiras são vagamente recordados. De alguma maneira, seu entendimento precário era:

(...) o equivalente mental de nossa necessidade corpórea de nutrição, que nos levava a buscar cascas de batata nas imediações das cozinhas: pouco mais que nada, melhor do que nada. Também o cérebro subalimentado sofre uma fome específica. Ou, talvez, essa memória inútil e paradoxal tinha um outro significado e um outro escopo: era uma preparação inconsciente para o ‘depois’, para uma sobrevivência improvável, na qual cada migalha de experiência se tornaria uma peça de um amplo mosaico.<sup>67</sup>

O pensamento ocupava poucos momentos no cotidiano dos prisioneiros. O trabalho físico extenuante e a fome constante anulavam a reflexão e as memórias. A força física era

---

<sup>64</sup> LEVI, 2004b. p.80.

<sup>65</sup> LEVI, 2004a, p.31.

<sup>66</sup> LEVI, 2004b. p. 81.

<sup>67</sup> Ibid., p. 82.

direcionada para a obtenção de mais comida, mais calorias e portanto, mais um dia de vida. A aniquilação do humano deu espaço ao surgimento de um terceiro reino, que se encontrava entre a vida e a morte. Essa dimensão é simbolizada pela figura do *muselmann*.<sup>68</sup>

O *muselmann* é o não-homem que se encontra entre a vida e a morte, num espaço nunca antes habitado. Ele foi subtraído de sua própria morte: matéria biológica que se arrasta entre dois mundos. Esse é o *horror especial que o muçulmano introduz no campo e que o campo introduz no mundo*.<sup>69</sup>

O muçulmano encarna o significado antropológico do poder absoluto de forma particularmente radical. No ato de matar, de fato, o poder se autossuprime: a morte do outro põe fim à relação social.

Pelo contrário, ao submeter as suas vítimas à fome e à degradação, ganha tempo, o que lhe permite fundar um terceiro reino entre a vida e a morte. Também o muçulmano, como o amontoado de cadáveres, atesta o seu completo triunfo sobre a humanidade do homem: mesmo que se ainda vivo, aquele homem é uma figura sem nome.<sup>70</sup>

O *muselmann* carrega a dolorosa ambiguidade de não estar presente entre os vivos, e não poder se juntar aos mortos. Ele é a vida aniquilada, cujo coração, ainda que de maneira precária, insiste em bater.

Apesar das impossibilidades, o registro do testemunho através da literatura é uma forma de atravessar o vazio trazido pela barbárie. É incompleto, composto por fragmentos da humanidade aniquilada no Lager.

O bem – admitindo-se que no caso faça sentido falar de um bem – que os sobreviventes conseguiram pôr a salvo do campo, não é, portanto, uma dignidade. Pelo contrário, que se possam perder dignidade e decência para além de qualquer imaginação, que ainda exista vida na degradação mais extrema – esta é a notícia atroz que os sobreviventes trazem do campo para a terra dos homens. E esta nova ciência torna-se agora a pedra de toque que julga e mede toda moral e toda dignidade.<sup>71</sup>

---

<sup>68</sup> AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008, p.52-3.

A expressão era usada sobretudo em Auschwitz e, a partir daí, passa depois a outros Lager. Em Majdanek, o termo era desconhecido, e para indicar os ‘mortos vivos’ se usava a expressão *Gamel* (gamela); em Dachau, por sua vez, dizia-se *Kretiner* (idiotas), em Stutthof, *Krüppel* (aleijados), em Mauthausen, *Schwimmer* (ou seja, quem fica boiando fingindo-se de morto), em Neuengamme, *Kamele* (camelos, ou, em sentido translato, idiotas), em Buchenwald, *müde Scheichs* (isto é, imbecis) e no Lager feminino de Ravensbrück, *Muselweiber* (muçulmanas) ou *Schmuckstücke* (enfeite de pouco valor ou joias).

<sup>69</sup> *Ibid.*, p.77.

<sup>70</sup> *Ibid.*, p.55.

<sup>71</sup> *Ibid.*, p.76.



## 2. O Silêncio e o testemunho

A literatura criada a partir das experiências dos sobreviventes representa uma realidade inimaginável: o campo de concentração como modo de ‘existência’. Essa busca pelas palavras que pudessem traduzir a desumanização resultou em diferentes silêncios. Silêncios produzidos pelo caráter único da Shoá; silêncios dos sobreviventes, em alguns momentos silenciados e, em outros, que silenciaram por alguma razão e o silêncio pós barbárie, decorrente do esquecimento histórico.

Num primeiro momento, trataremos do *silêncio das vítimas*, a partir da dificuldade de lidar com o choque do trauma e aprofundado pelo desinteresse dos ouvintes, que consideravam os relatos desagradáveis ou até mesmo insuportáveis. Esse silêncio, ou melhor, esse sobrevivente silenciado pode ser considerado um prolongamento da aniquilação do humano que permaneceu mesmo após o advento do Lager.

Essa dificuldade pode ser verificada na repetição dos relatos a respeito do sonho-pesadelo no qual eles voltam para suas casas e suas famílias não escutam o seu testemunho. Primo Levi narra o pesadelo recorrente no capítulo “As nossas noites”:

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito em três notas, da cama dura. Conto também a história da nossa fome, e do controle de piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse.<sup>72</sup>

A incredulidade dos ouvintes e sua rejeição já havia sido prevista pelos próprios criminosos nazistas. A racionalidade a serviço da destruição da humanidade também teve como objetivo desacreditar os improváveis sobreviventes. Podemos afirmar que o Lager *reverbera* na vida pós-Auschwitz. O prisioneiro atravessou os portões do inferno; seu retorno ao mundo dos vivos é carregado de uma descrença dupla: primeiro em sua problemática sobrevivência e depois, na sua história.

Seja qual for o fim desta guerra, a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. Talvez haja suspeitas, discussões, investigações de historiadores, mas não haverá certezas, porque destruiremos as provas junto com vocês. E ainda que fiquem algumas provas e sobreviva alguém, as pessoas dirão que os fatos narrados

---

<sup>72</sup> LEVI, 1988, p. 60.

são tão monstruosos que não merecem confiança: dirão que são exageros da propaganda aliada e acreditarão em nós, que negaremos tudo, e não em vocês. Nós é que ditaremos a história dos Lager.<sup>73</sup>

Ruth Klüger também trata da dificuldade de relatar sua experiência e as reações de desgosto de seus ouvintes.

Na ocasião, sempre pensava que teria algo de interessante e importante para contar depois da guerra. Mas as pessoas não querem ouvir, ou somente o fazem com uma certa pose, uma certa atitude, não como interlocutoras e sim como pessoas que se submetem a uma tarefa desagradável, em uma espécie de reverência que facilmente se transforma em repugnância, duas sensações que em todo caso se complementam. Pois tanto o objeto da reverência como o da repugnância é sempre mantido à distância.<sup>74</sup>

Além do trauma causado pela experiência, o sentimento terrível produzido pela incredulidade dos ouvintes poderia ser apontado como uma explicação para o silêncio dos sobreviventes que escolheram não falar. Jorge Semprún<sup>75</sup> escreveu sobre Buchenwald muitas décadas após do término da guerra. Sua escolha pelo silêncio foi a alternativa possível para retomar sua humanidade – sem esquecer ou silenciar a experiência vivida no reino da morte a vida não seria possível: por isso o título de seu livro - *A escrita ou a vida*. Assim, podemos observar uma distinção básica (com algumas gradações) para indivíduos que viveram a tortura e o encarceramento: aqueles que calam, porque sentem um mal estar profundo e aqueles que falam (por um imperativo ético para com os mortos ou até mesmo pela centralidade da experiência do trauma em suas vidas).

O imperativo ético e a necessidade de contar (entre outras questões como o caráter de singularidade da Shoá) podem ser verificados nas palavras do francês Robert Antelme, sobrevivente de Buchenwald.

Há dois anos, nos primeiros dias após nosso retorno, fomos todos, creio eu, tomados por um verdadeiro delírio. Queríamos falar, ser enfim ouvidos. Disseram-nos que nossa aparência física já era, por si só, bastante eloquente. Mas acabávamos de voltar, trazíamos conosco nossa memória, nossa experiência ainda viva, e experimentávamos um desejo frenético de conta-la exatamente como ela se passara. Entretanto, desde os primeiros dias, parecia impossível superar a distância que descobríamos entre a linguagem de que dispúnhamos e essa experiência que, na maior parte dos casos, ainda operava em nossos corpos. Como nos resignarmos a não tentar explicar como chegáramos àquele estado? No qual ainda estávamos.

---

<sup>73</sup> LEVI, 2004b, p. 9.

<sup>74</sup> KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Editora 34, 2005, p. 102.

<sup>75</sup> SEMPRUN, Jorge. *A escrita ou a vida*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Contudo, era impossível. Mal começávamos a contar, sufocávamos. A nós mesmos, o que tínhamos a dizer principiava então a nos parecer *inimaginável*. Essa desproporção entre a experiência vivida e o relato possível apenas veio a se confirmar com o tempo. Lidávamos então com uma dessas realidades que, dizem, superam a imaginação. Doravante era claro que tão somente pela escolha, ou seja, ainda pela imaginação, poderíamos tentar contar qualquer coisa.<sup>76</sup>

É possível apontar alguns fatores externos que dificultam o testemunho. O desinteresse do mundo do pós guerra nesses relatos pode ser verificado no caminho percorrido por Primo Levi para a publicação de sua obra *É isto um homem?*. Em 1947, o manuscrito foi recusado pela Editora Einaudi (somente em 1958 a primeira edição de *É isto um homem* foi publicada pela casa. Um pequena editora de Florença e com a tiragem de 2500 exemplares foi a única opção de Levi). O interesse pelos testemunhos relacionados aos campos de concentração e extermínio aumentaria gradativamente, com a distância do tempo e eventos midiáticos como o julgamento de Adolf Eichmann, em 1961. Imediatamente após a guerra ninguém queria saber sobre os campos, o assunto era considerado pesado e inadequado para o momento de reconstrução e suposta esperança. Borchert analisa algumas obras de testemunho escritas no período e sinaliza o desinteresse geral pelo assunto com a expressão utilizada na época: “Ah, Deus, de novo os campos!”.<sup>77</sup>

O silêncio das vítimas, num segundo momento, pode ser atribuído aos sentimentos de culpa e vergonha dos que sobreviveram. Levi afirma que o momento de libertação foi vivido de maneiras diferentes pela diversidade dos prisioneiros. Sua perspectiva é de que sair do sofrimento do Lager trouxe alegria para poucos “afortunados”; seu sentimento predominante foi a angústia.

A meu ver, o sentimento de vergonha ou de culpa que coincidia com a liberdade reconquistada era fortemente complexo: continha em si elementos diferentes, e em proporções diferentes para cada indivíduo singular. Deve-se recordar que cada um de nós, seja objetivamente, seja subjetivamente, viveu o Lager a seu modo.<sup>78</sup>

Readquirir a consciência, depois de viver sem nome e sem memórias, presos ao presente e lutando pela sobrevivência, foi um choque, um momento crítico acompanhado pela depressão e, em alguns casos, pelo suicídio. Cabe observar que Levi analisa o ato extremo após a libertação como algo humano e premeditado. As ações humanas haviam sido

---

<sup>76</sup> ANTELME, Robert. *A espécie humana*. Rio de Janeiro: Record, 2013, p.9.

<sup>77</sup> SANTOS, Rafael Rocca dos. A literatura dos campos de concentração. Revista Vértices, [S.l.], n. 20, p. 160-166, dez. 2018. ISSN 2179-5894.

Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/2930>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

<sup>78</sup> LEVI, 2004b, p.65.

suprimidas no campo: não havia tempo ou espaço para o pensamento ou reflexão. O súbito retorno de uma ideia vaga de livre arbítrio, ao invés de produzir felicidade, trouxe angústia.

Samuel Rawet trata desse sentimento de inadequação em sua obra *Contos do Imigrante*. O conto *O profeta* traz a perspectiva do sobrevivente e suas dificuldades na vida do pós-guerra: falar sobre os horrores ou continuar em silêncio e a incompreensão dos ouvintes.

Pensou em alterar um pouco aquela ordem e precipitou-se a narrar o que havia negado antes. Mas agora não parecia interessar-lhes. Por condescendência (não compreendiam o que de sacrifício isso representava para ele) ouviram-no das primeiras vezes e não faltaram lágrimas dos olhos das mulheres. Depois, notou-lhes frases como estas: ‘Que quer com tudo isso? Por que nos atormenta com coisas que não nos dizem respeito?’ Havia rugas de remorso quando recordavam alguém que lhes dizia respeito, sim. Mas eram rápidas. Sumiam como um vinco em boneco de borracha. Não tardou que as manifestações se tornassem abertas, se bem que mascaradas.

- O senhor sofre com isso. Por que insiste tanto?  
Calou. E mais que isso, emudeceu.<sup>79</sup>

O indivíduo, fechado em si mesmo, recusa-se a falar sobre o que viu e viveu. Quando finalmente se dispõe a contar seu testemunho, é ouvido superficialmente; tentar compartilhar o que seus olhos viram, aquele fluxo de palavras e lembranças do horror, antes bloqueado, talvez possa aliviar esse sofrimento solitário. Entretanto, o incômodo e a recriminação dos seus ouvintes são de tamanha brutalidade para esse homem fragilizado que ele silenciava novamente.

O sentimento de vergonha relaciona-se à ideia da incompreensão (ou ausência) de critérios nos quais o sobrevivente poderia justificar a manutenção de sua vida e a perda da vida de outros prisioneiros, muitas vezes considerados *melhores* ou mais *merecedores* da sobrevivência. Levi sempre refutou categoricamente a ideia de que havia um sentido em sua trajetória como sobrevivente (tal como testemunhar o ocorrido para o mundo). A sobrevivência do italiano foi uma combinação de fatores como sua juventude, inteligência, formação acadêmica, habilidade para aprender diferentes línguas e a multidão de regras do Lager e, em grande parte, da sorte e do acaso. Em 1945, doente e na enfermaria de Auschwitz, teve início a evacuação do campo. Levi não partiu com o melhor amigo Alberto porque não podia andar. Alberto morreu nas criminosas marchas da morte; Levi sobreviveu.

---

<sup>79</sup> RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004, p.28-9.

A dor causada pelo sentimento de culpa de estar vivo (no lugar de outro ser humano que merecia viver) ecoa nos versos finais do poema *O sobrevivente*:

Desde então, a hora incerta,  
Aquele pena regressa,  
E se não encontra quem a escute,  
Queima no peito o coração.  
Vê de novo os rostos dos companheiros  
Lívidos na primeira luz,  
Cinzentos do pó de cimento,  
Indistintos pela bruma,  
Tingidos de morte em seu sono inquieto:  
Sob a mora pesada dos sonhos  
Mastigam um nabo invisível  
“Para trás, fora daqui, gente submersa  
Afastai-vos. Eu não suplante ninguém,  
Não usurpeio pão de ninguém,  
Ninguém morreu em meu lugar. Ninguém.  
Retornem à vossa bruma.  
*Não tenho culpa se vivo e respiro  
E como e bebo e durmo e visto roupa*<sup>80</sup>

O poema evidencia algumas questões: a lembrança viva do Lager, a vida quase morte dos companheiros; a fome constante que se arrastava até o plano dos sonhos e o sobrevivente atormentado pelos mortos. A repetição da palavra *e*, ao invés do uso da vírgula, poderia indicar um conflito no qual o sobrevivente, em luta incessante com seus pensamentos, tenta justificar para si mesmo sua sobrevivência, através da ideia consoladora de que ele não causou a morte de nenhum outro ser humano. Sua vida não se deu às custas de outra, e apesar da dor da vergonha, é possível escrever sob o seu peso e sobre os seus desdobramentos.

Boris Pahor, sobrevivente de Natzweiler-Struthof, dialoga com a culpa ao mesmo tempo em que tenta enxergar o Lager e a barbárie imparcialmente. Em *Necrópole*, o presente se mistura ao passado, de forma ponderada e racional. Pahor não diminui a crueldade das situações narradas, através de suas duras palavras: “o extermínio já não estava somente naqueles tornozelos de passarinho”;<sup>81</sup> “ficar parado e deitado continuava sendo a maneira mais eficaz para defender-se da morte” e “alguns dos deitados nos catres me acompanhasse m com olhar da mesma forma que passarinhos recém-nascidos movem o bico [...] parecidos com pássaros cegos, com aquelas bolhas que lhes encobriam os olhos como pequenas salsichas túrgidas”;<sup>82</sup> “ossos humilhados”<sup>83</sup>.

---

<sup>80</sup> LEVI, Primo. *Il superstite*. In: Opere, vol. II. Torino: Einaudi, 1997, p.576. (grifo nosso)

<sup>81</sup> PAHOR, *Necrópole*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013, p. 121.

<sup>82</sup> PAHOR, 2013, p. 125.

<sup>83</sup> *Ibid.*, p. 137.

Pahor trata especificamente do sentimento de culpa quando se recorda do corpo morto de um prisioneiro chamado Ivo.

Agora que penso nele gostaria de saber mais; mas Ivo não aparece, não consigo ver o seu rosto. O armazém dos mortos e as tenazes estão ali, como se não tivessem qualquer relação comigo e com Ivo. E eu estou só. Só na sombra quente, porque do outro lado do barracão, do lado direito, brilha o sol. E só quando, constrangido, olho para trás, percebo que entre Ivo e mim há o estorvo das minhas sandálias leves, das minhas calças esportivas, da esferográfica com que tomo rapidamente nota do nome de um objeto que acabo de ver. Entre Ivo e mim há o Fiat 600 que me aguarda na saída, no qual, em Roiano, passo amiúde diante da loja em que ele vendia carvão. Isso me faz entender que, se eu quisesse voltar a ser digno da sua amizade, deveria livrar-me de todo conforto e calçar de novo os tamancos da nossa miséria. Aí, quem sabe, ele deixaria de ser invisível e não se queixaria do fato de eu frequentar as praias de Trieste.<sup>84</sup>

Fica claro aqui o conflito do sobrevivente que vive em dois mundos: o do presente e o do passado. O Lager acabou, entretanto, ele permanece.

Outro silêncio deve ser pontuado: aquele que ficará como a marca de uma ausência dolorosa. Os mortos que foram reduzidos à cinzas nunca poderão falar sobre suas experiências.<sup>85</sup> Registrar a ausência dos mortos silenciados pelos fornos crematórios pode ser reconhecida como uma atitude ética dos que testemunham. Entretanto, essa possibilidade assentada na impossibilidade não deve paralisar a escrita da testemunha sobrevivente, visto que mesmo que ela não tenha chegado ao fundo, ou seja, à morte, ela experimentou a degradação da vida em um ambiente hostil e estruturado, em seus mínimos detalhes, para causar a sua morte.

Renato Lessa afirma que Auschwitz é o experimento em que se dá a vitória total do silêncio e a *supressão definitiva das vozes humanas*.<sup>86</sup> Além desse silêncio trazido pela morte, o silêncio decorrente da supressão da comunicação humana é o reconhecimento de que só há dor para esse não homem: uma dor sem nome, sem o que a signifique na linguagem.<sup>87</sup> O silêncio apresenta-se em caráter duplo: o homo lager não existe mais para o mundo exterior e não existe para si mesmo, encontra-se despojado de todos os atributos humanos, exceto o medo. Lessa aponta para mais uma manifestação do silêncio ao qual ele chama de silêncio

---

<sup>84</sup> PAHOR, 2013, p. 77.

<sup>85</sup> O “paradoxo de Levi”, denominado por Agamben, consiste na ideia de que o testemunho assenta-se sobre uma impossibilidade porque ele somente pode ser parcial. Zdravco Planinc (2015) escreve sobre essa ideia. Para ele, não há paradoxo de Levi, e sim o que pode ser chamado de paradoxo de Agamben. Planinc aponta as limitações do texto, afirmando que Agamben manipula as palavras de Levi para justificar sua argumentação.

<sup>86</sup> LESSA, Renato. *O Silêncio e sua representação*. Rio de Janeiro: Edição Laboratório de Estudos Hum(e)anos – Online, Setembro, 2008, p. 2.

<sup>87</sup> LESSA, 2008, p.3.

metafísico: aquele que dos que seguem para a morte – só há o nada, o encontro com o absurdo e com o eterno.<sup>88</sup>

O tema é retomado por Levi em textos escritos em 1955 e 1959. Dez anos após Auschwitz o silêncio do esquecimento predomina: os testemunhos são considerados “vitimismo” ou “amor gratuito pelo macabro”.<sup>89</sup> Entretanto, esse silêncio deve ser combatido pois pode mascarar a culpa dos responsáveis pelo massacre nazista. O silêncio decorrente da vergonha relaciona-se à constatação de fazer parte da “mesma família humana de nossos carrascos”<sup>90</sup>. Porém, é imperativo falar em nome dos milhares que “acabaram misturados naqueles montes de ossos e que testemunham, com sua ausência, o vazio que deixaram”.<sup>91</sup>

O silêncio de quem escuta os testemunhos também deve ser pontuado. Em uma sociedade pós-barbárie cabe a todos os indivíduos a responsabilidade de manter a memória viva, como fonte de aprendizado, a fim de evitar a possibilidade de emergência do fascismo e do nazismo como norma política. Gagnebin afirma:

[...] testemunha também seria aquele que não vai embora, quem consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.<sup>92</sup>

Todas essas implicações nos levam à necessidade da palavra: “se o silêncio é ausência, a palavra poderá tornar presente aquilo a que se refere, mas somente oferecendo-se na forma mais nítida possível”.<sup>93</sup>

Após a tentativa de reconhecimento da multiplicidade de manifestações do silêncio, na Shoá e em seus desdobramentos, faz-se necessário explorar as potencialidades dessa ausência.

## 2.1. O silêncio como possibilidade

Pontuadas as manifestações do silêncio que poderiam significar alguma forma de obstáculo ao testemunho, cabe a problematização do silêncio não como um vazio, a falta de

---

<sup>88</sup> LESSA, 2008, p. 5.

<sup>89</sup> LEVI, 2015, p. 65.

<sup>90</sup> Ibid., p. 67.

<sup>91</sup> Ibid., p. 74.

<sup>92</sup> GAGNEBIN, Jean Marie. In: *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 57.

<sup>93</sup> Ibid., p. 206.

palavras, ou até mesmo o oposto da linguagem, mas sim como uma forma de transcendência, um resultado de um *encontro decisivo*<sup>94</sup>. O silêncio está dado, e a partir dele, pode existir o discurso. O testemunho nasce do silêncio, ou melhor, da elaboração do silêncio a partir do entendimento de suas causas.

Para Kovadloff, o “silêncio se expressa através das palavras das quais prescinde”.<sup>95</sup> Por isso, é necessário compreender os sentidos que o silêncio guarda. Desse modo, o texto pode ajudar a preservar o silêncio como uma presença, relacionando-se à problemática dos testemunhos da Shoá e a necessidade de superação das dificuldades ao traduzir Auschwitz através de palavras. Kovadloff afirma que essa ausência não pode ser alcançada. Ela é a forma do silêncio primordial, ou seja, “uma imagem sem forma na qual o homem pode contemplar - se sem se ver”.<sup>96</sup>

É necessária uma breve observação sobre uma necessidade específica de preservação do silêncio quando tratamos de testemunhos a respeito da barbárie. O ímpeto de narrar os traumas vividos através de um excesso de realidade quando se escreve sobre Auschwitz pode causar um efeito reverso: a falta de sensibilidade daquele que lê, acostumado à violência e a rotinização do choque. Desse modo, esse calar sobre algo que não pode ser transmitido pelas palavras é essencial e imprime força a esse discurso. Trata-se aqui, por exemplo, do silêncio a respeito de memórias dolorosas e indescritíveis, tais como a descrição de Primo Levi sobre a noite em que os prisioneiros do campo de Fossoli se preparavam para a partida ao local desconhecido (Auschwitz): “falamos de muitas coisas naquelas horas; fizemos muitas coisas; mas é melhor que não permaneçam na memória”.<sup>97</sup>

Steiner constata o declínio do domínio da linguagem verbal e a emergência de outras linguagens não-verbais (a matemática e a lógica, por exemplo). Um encolhimento do mundo das palavras e a diminuição do conjunto de realidades que elas podem dar conta são consequências desse movimento. Os campos do conhecimento ou culturas criam distância entre si e cada especialista em humanidades ou ciências exatas “está cego em relação a mundos comparáveis”.<sup>98</sup> Mesmo assim, a língua ainda é capaz de descrever o mundo, ou a realidade. O silêncio que permeia o discurso apresenta-se mais como uma passagem do que como um bloqueio ou impedimento.

---

<sup>94</sup> KOVADLOFF, Sérgio. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003, p.29.

<sup>95</sup> Ibid., p. 21.

<sup>96</sup> Ibid., p.10.

<sup>97</sup> LEVI, 1988, p. 14.

<sup>98</sup> STEINER, George. *Linguagem e silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 35.



Para Steiner, a fala humana é o que nos coloca em posição de superioridade em relação aos outros animais. Ela é a “libertação do grande silêncio da matéria”<sup>99</sup>. A palavra transcende a estrutura do mundo em três aspectos: através da luz, da música e do silêncio. Onde a palavra do poeta acaba, começa uma grande luz. Analisando Dante, Steiner aponta que “à medida que o poeta ascende, as palavras lhe faltam”.<sup>100</sup> Seguindo na análise das transcendências da palavra, a música é o local em que “as artes e as ciências exatas poderão chegar a uma sintaxe comum”.<sup>101</sup> Para o autor, a poesia leva à música, ela se transforma em música “ao atingir a intensidade máxima de seu ser”.<sup>102</sup>

A forma de transcendência da palavra que se dá através do silêncio é o encontro da palavra com a noite: quando a linguagem acaba. Steiner analisa os danos causados à linguagem em consequência da desumanização política característica do século XX. Através da leitura do silêncio do poeta Hölderlin, Steiner demonstra seu caráter de desdobramento da poesia e não de negação. Assim, a “reavaliação do silêncio é um dos atos mais originais e característicos do espírito moderno”.<sup>103</sup> A palavra que não é dita por uma escolha consciente, que considera o que se encontra fragmentado ou vazio de significado enriquece o discurso, ao invés de se perder.

Em face de todas as limitações da linguagem, Steiner critica a torrente de palavras e publicações e sua superficialidade e imediatismo. Se não houver silêncio não haverá espaço para que palavras transformem-se em expressão. O silêncio é uma alternativa que intensifica a mensagem do texto escrito: “se as palavras pronunciadas no meio urbano estão impregnadas de selvageria e mentiras, nada fala mais alto que o poema não-escrito”.<sup>104</sup>

Escutemos o que o silêncio tem a nos dizer.

---

<sup>99</sup> STEINER, 1998, p. 55.

<sup>100</sup> Ibid., p. 60.

<sup>101</sup> Ibid., p. 66.

<sup>102</sup> Ibid., p. 61.

<sup>103</sup> Ibid., p. 70.

<sup>104</sup> STEINER, 1998, p. 74.

### 3. O som do silêncio

A palavra silêncio se repete vinte e cinco vezes ao longo de *É isto um homem*. Na construção do livro está o esforço do autor para responder à pergunta de seu título: o homem desprovido de seus bens e sua cidadania, subtraído de sua família; um homem que não tem mais domínio de seu próprio corpo, não tem mais identidade porque não tem um nome - um ser humano de quem a capacidade de se comunicar através de suas palavras foi subtraída ainda pode ser um homem? Uma organização geométrica de capítulos descreve, analisa e testemunha a experiência no Lager. O retrato minucioso da desumanização, e, a partir desse fundo, dessa ausência, um reencontro, uma reconstrução com a humanidade através de pequenos fragmentos, acontecimentos e objetos. Seria, como Shaked afirma, uma obra na qual *a estrutura literária reflete intencionalmente a situação extraliterária?*<sup>105</sup>

Nos sete primeiros capítulos Levi mergulha verticalmente na realidade do campo; o silêncio no trajeto, onde o processo de desumanização começava a se materializar de forma mais humilhante – uma viagem de trem sem mínimas condições sanitárias e sem resquício de dignidade, a privação alimentar e a sede constante. O silêncio dos trilhos, a chegada ao universo ainda desconhecido – aquela ausência de sons quando um ser humano se depara com uma situação terrível e inevitável.

O silenciamento da humanidade, através das primeiras pancadas e agressões gratuitas, a aniquilação da vida anterior – subitamente não havia mais passado ou perspectiva de futuro, somente um presente contínuo e eterno, tal qual uma condenação ao inferno.

A comunicação estilhaçada: as ordens em alemão que causam atordoamento, que aniquilam o indivíduo simbolicamente (quem perde a si mesmo perde tudo). Uma confusão babélica de línguas, e o vazio mediante as perguntas sem respostas; perguntas que em muitos casos não podem nem mesmo ser elaboradas.

Após tanta destruição, nos deparamos com o sétimo capítulo: descrição de um dia bom, de maneira irônica e paradoxal - como seria possível um dia bom no reino da morte? As cores de sua escrita são vivas, assim como os cenários: o banquete da escavadeira é a maneira brilhante de Primo explicar a nós, leitores, que o Lager era a fome. Somos espectadores desse espetáculo aterrorizante.

Como bom observador e, segundo Agamben, o cartógrafo do Lager, Levi escreve os capítulos oito e nove de forma analítica: a economia do campo, as relações de trocas

---

<sup>105</sup> SHAKED, 1999, p. 147.

econômicas e as oscilações do mercado informal são descritas através de um detalhado retrato etnográfico.

No mesmo capítulo nove Levi esboça uma importante chave de leitura da vida no Lager: duas categorias de prisioneiros, divididas entre os afogados e os sobreviventes; as que se salvam e as que afundam através da perspectiva de quatro figuras humanas distintas.

A partir do décimo capítulo há uma espécie de ressurgimento ou renascimento. Aquele homem destruído pela máquina nazista reúne seus fragmentos: primeiro com a retomada da língua (no simbólico capítulo O canto de Ulisses) e a prova de química, na qual Levi reencontra sua capacidade de raciocinar e se expressar através de seu ofício de químico. Em seguida vem Lorenzo, trabalhador italiano que simboliza a solidariedade humana em tempos desumanos: uma tentativa de resgate da relação de igualdade entre dois homens.

Levi não nos deixa esquecer que está escrevendo sobre o Lager, e no décimo terceiro capítulo volta a mergulhar profundamente na sua análise da destruição: estamos diante do processo de seleção, em outubro de 1944.

O húngaro Kraus é o tema do décimo quarto capítulo: para além do homem Kraus o testemunho do homem aniquilado, o que toca o fundo, chega ao fim do humano.

Nos três últimos capítulos temos um Primo Levi movido pelas possibilidades do trabalho no laboratório químico: o contrabando de pequenas mercadorias, a necessidade de pensar e a aplicação da engenhosidade para a sobrevivência, mesmo que precária. A percepção da passagem do tempo reaparece. Há uma retomada dos pensamentos complexos e, com eles, o surgimento da vergonha.

O percurso se fecha com a chegada do exército soviético. A continuação dessa trajetória seria publicada por Levi apenas em 1963, na obra *A trégua*.

É isto um homem? fala de um universo que não podemos tocar, se não superficialmente. Levi, ao descrever esse mundo para os leitores, mergulha novamente em seu funcionamento. Por vezes sufocado pelas memórias e pela dor, volta à superfície para recuperar o fôlego; analisar, apesar de tudo. O percurso do texto se assemelha ao homem que perde tudo, e depois de tocar o fundo, tenta se reorientar, mesmo que seu mundo já não exista mais e ele não seja o mesmo.

### 3.1 O silêncio aniquilador

Se na vida anterior ao Lager temos um Primo Levi que existe em um universo racional, ou seja, o da ciência, mediado por conceitos e pelas palavras, sua existência após ser preso pelos fascistas no Vale D'Aosta se pauta por uma ausência de respostas enlouquecedora, que faz ruir seu mundo cientificamente estruturado.

No campo de transição, em Fóssoli, Levi silencia sua condição de militante político, na esperança de que a declaração de sua condição judaica tivesse um efeito ou consequência menor no cárcere imposto pelos fascistas italianos.

Os dias compartilhados com as companheiras Vanda e Luciana no campo de transição são carregados de incerteza, até o aviso da deportação. A tensão e a ausência de informações sobre o que viria a acontecer combinam-se a um ambiente artificial no qual as crianças iam para a escola e havia uma divisão de trabalho para os adultos. Famílias inteiras conviviam com militares iugoslavos e outros estrangeiros politicamente suspeitos. Esse encarceramento encerra-se subitamente com a chegada da SS, em meados de fevereiro de 1944.

Para Raul Hilberg, a sorte dos judeus foi selada quando “o primeiro servidor público escreveu numa norma do funcionalismo a primeira definição de não-ariano, nos primeiros dias de 1933”.<sup>106</sup> Ainda que o processo de desumanização dos judeus tenha tido seu início nas leis que os definiam como indesejados e não-cidadãos, é no transporte para a morte que a aniquilação física pode se apresentar de modo mais intenso e claro. Em dois momentos Levi narra o silêncio diante da consciência do destino de morte: a viagem de trem, longa e pontuada por paradas inexplicáveis, o que contribuiu para o desespero dos prisioneiros – o primeiro deslocamento em direção ao nada. Dias depois, quando a fronteira que demarca a saída do território italiano é cruzada e “ninguém disse nada”<sup>107</sup>. A dor do exílio foi maior: um silêncio interno, uma falta de vontade de se falar sobre o que se perdeu.

Na chegada à plataforma de desembarque, por um breve e tenso momento há um silêncio externo - como uma passagem do mundo dos vivos para outro mundo ainda sem nome. Após o início da destruição do corpo físico pela fome e sede durante o transporte, os gritos em língua estrangeira iniciam o processo de alienação da comunicação humana. A partir desse momento, o ritual de iniciação atinge Levi e o atira num labirinto sem sentido, violento e sem saída. O contraste entre os gritos dos alemães e o silêncio dos prisioneiros, as pessoas

---

<sup>106</sup> BAUMAN, 1998, p. 47.

<sup>107</sup> LEVI, 1988, p. 16.

tragadas pela noite, sem possibilidade de despedida e à espera de um desfecho apocalíptico após o transporte nos trens já configuravam o processo de seleção. Um gesto alemão (esquerda – direita) e o desaparecimento de famílias inteiras. Faz-se necessário lembrar que do comboio de doze vagões de trem e seiscentos e cinquenta italianos que partiu de Fossoli em 1944, apenas noventa e seis homens e vinte e nove mulheres estavam vivos dois dias após a chegada a Auschwitz.

Levi descreve os processos que marcam a chegada ao campo de extermínio. A nudez, a desinfecção e a tosquia; retira-se daquele ser humano todo vestígio externo de identidade que se relacione à sua vida anterior. A troca de um nome por um conjunto de números tatuados de maneira tosca e violenta sinaliza a metamorfose: não há mais história, apenas um catálogo composto de não-homens sem passado.

Imagine-se, agora, um homem privado não apenas dos seus seres queridos, mas de sua casa, seus hábitos, sua roupa, tudo, enfim, rigorosamente tudo que possuía: ele será um ser vazio, reduzido a puro sofrimento e carência, esquecido de dignidade e discernimento – *pois quem perde tudo, muitas vezes perde também a si mesmo* (grifo nosso); transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana, na melhor das hipóteses considerando puros critérios de conveniência. Ficará claro, então, o duplo significado da expressão ‘campo de extermínio’, bem como o que desejo expressar quando digo: chegar ao fundo.<sup>108</sup>

Após horas sem água ou comida, na espera muda, Levi avista um caramelo de gelo. Ao questionar a negação da possibilidade de aplacar sua sede, recebe como resposta *Hier ist kein Warum* – aqui não existem perguntas ou porquês. Os prisioneiros têm suas dúvidas e vontades silenciadas por um universo que não pode ser explicado pela razão que mediava a vida comum, anterior ao universo concentracionário. Essa ausência de respostas é parte da aniquilação do humano; Lessa chama esse processo de *desumanização da vida social*.<sup>109</sup> Há uma lógica perversa na desumanização: primeiro se esvazia todo o mundo exterior do prisioneiro, para dar início à sua destruição interior. A incomunicabilidade é fundamental nesse processo.

Em Auschwitz não havia espaço para questionamentos, mudança radical de perspectiva para Levi, um cientista que vivia num universo inteligível e que podia ser

---

<sup>108</sup> LEVI, 1988, p. 25.

<sup>109</sup> LESSA, Renato. Pensar a Shoá. In: FUKS, Saul (Org.). *Tribunal da História: julgando as controvérsias da História judaica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Centro de História e Cultura Judaica, 2005, p. 235.

conhecido através de perguntas. Lessa<sup>110</sup> afirma que o homem já não existe para aqueles que o observam e também deixa de existir para si mesmo: somente há o reconhecimento de que o mundo é dor.

O enfraquecimento e fragilidade do corpo físico é mais rápido que o silenciamento da vida interior. Este se dá aos poucos, em grandes e pequenos atos cotidianos, nas privações e na solidão, e na impossibilidade de se fazer ouvir. Os judeus italianos, por um breve período, encontravam-se para conversar nos raros domingos de folga; desistiram em face da dor e dos sentimentos trazidos pela percepção de que eram cada vez menos numerosos e tornavam-se irreconhecíveis. Dessa forma, as lembranças foram suprimidas, eram parte de uma vida anterior num mundo que não existia mais.

Na primeira noite passada em claro no Lager, a persistência de uma ansiedade combinada com a angústia, mediante o desconhecimento do território e das regras: acrescenta-se a impaciência dos prisioneiros mais velhos com os recém-chegados e suas perguntas. Querem saber porque ainda não entenderam que ali o único pensamento é a sobrevivência.

A percepção de que não há futuro se manifesta na interrogação: *até quando?* Os mais velhos riem, porque já não se ocupam de nenhuma perspectiva que não a do trabalho exaustivo a ser realizado no dia de hoje. Levi percebe que, quinze dias após sua chegada, já tem a fome crônica do prisioneiro, além das feridas nos pés e a inteligência para conseguir manter suas posses (a colher, o boné e outros objetos, eventualmente) e não ser roubado. Ao afirmar “mesmo meu corpo já não é meu” firma seus pés na realidade do Lager. Seu nome é 174517, sem voz e sem passado.

As observações iniciais sobre “a confusão de línguas”, “ninguém te dá ouvidos” são substituídas por reflexões como “um monte de perguntas, para quê?”, “inútil gastar palavras em perguntas” e “há muito tempo que parei de tentar compreender”. O cientista Levi morre para que o Häftling possa ter alguma chance de sobreviver.

Para o prisioneiro, “o silêncio ainda em vida é imposição e, mais do que isso, efeito que resulta da supressão das línguas e da possibilidade e da inutilidade da elaboração simbólica”.<sup>111</sup> Levi afirma ter chegado ao fundo do poço (*eccomi dunque sul fondo*): não há lugar pior para um ser humano. Na realidade, não há mais humanidade, não há uma base para que alguém continue a ser um sujeito, não há fundamento para a subjetividade. Só restam:

---

<sup>110</sup> LESSA, 2008, p. 3.

<sup>111</sup> Ibid., p.2.

[...] nós, cinzentos e idênticos, pequenos como formigas e altos até as estrelas, comprimidos um contra outro, inumeráveis, por toda a planície até o horizonte; fundidos, às vezes, numa única substância, numa massa angustiante na qual nos sentimos presos e sufocados; ou, às vezes, numa marcha em círculo, sem começo nem fim, numa ofuscante vertigem, numa maré de náusea que nos sobe até a garganta; até que a fome, o frio ou a bexiga cheia encaminhem os nossos sonhos dentro dos esquemas de sempre.<sup>112</sup>

Meses após a chegada do comboio de Levi a Auschwitz, um novo grupo de trabalho foi criado: o Kommando 98, composto de especialistas em Química (exceto seu chefe, o “inocente bruto” Kapo Alex). Os candidatos foram escolhidos com base em seu desempenho numa prova de conhecimentos específicos em alemão e aplicada pelo Dr. Pannwitz. Apesar da fome, da distância entre a memória de uma vida de um cientista livre e o trabalho escravo no Lager, Levi foi escolhido - o que significou um golpe de sorte e o prolongamento de sua “vida”. Protegido do frio intenso do inverno e do exaustivo trabalho físico, sua engenhosidade lhe permitiu fazer pequenos furtos e trocar os objetos produzidos por rações de pão e sopa.

Destacam-se duas constatações importantes a respeito desse caminho percorrido até chegar ao Kommando 98: o olhar trocado entre o candidato e seu examinador e um pequeno e significativo gesto do Kapo Alex ao final desse exame.

Levi é levado ao laboratório na H. Strasse, a rua dos depósitos. A sujeira de seu uniforme e sua aparência precária contrastam com a limpeza do escritório do Dr. Pannwitz: “tenho a sensação de que, se tocasse em qualquer coisa, deixaria uma marca de sujeira”. Pannwitz termina de escrever e os dois se olham:

[...] esse olhar não foi cruzado entre dois homens. Se eu soubesse explicar a fundo a natureza desse olhar, trocado como através do vidro de um aquário entre dois seres que habitam dois meios diferentes, conseguiria explicar a essência da grande loucura do Terceiro Reich.<sup>113</sup>

O ritual de avaliação, tão comum no mundo anterior ao campo de extermínio, torna-se uma situação de incomunicabilidade: um homem (o alemão Pannwitz, loiro, alto) não é capaz de se comunicar com esse feixe de ossos, esse ser vazio movido pela fome, nas palavras de Levi, esse “*algo* que está na minha frente pertence a um gênero que, obviamente, convém eliminar. Nesse caso específico, deve-se, antes, examinar se ele não contém ainda algum elemento aproveitável”. Aqui, o homem aniquilado pode ter sua vida prolongada, apenas se puder colocar-se a serviço do Reich milenar.

---

<sup>112</sup> LEVI, 1988, p. 62.

<sup>113</sup> Ibid., p. 108.

O Kapo Alex, ao final da prova, deve acompanhar o prisioneiro de volta ao Bloco. Nesse caminho, suja sua mão com graxa. Num gesto automático, “sem ódio nem escárnio”, limpa sua mão no ombro de Levi. Importa aqui observar a transformação do antissemitismo em um pensamento internalizado: a campanha difamatória e violenta contra os judeus, a antirraça, obteve êxito completo. O judeu à frente de Alex não é um ser humano, ele é o que o Reich define a partir de sua utilidade; neste caso, um trapo velho, daqueles abandonados, em que se deposita o resquício de uma mancha incômoda, para depois ser esquecido em um canto qualquer.

Ao final de um dia de trabalho, na praça de chamada, os prisioneiros são reunidos para um ritual comum: a punição exemplar para roubos e tentativas de fuga através do enforcamento. Entretanto, esse homem que deve morrer é um dos participantes da explosão de um forno crematório de Birkenau e após o discurso acusador incompreensível em alemão sua voz explode: “*Companheiros, eu sou o último!*”.<sup>114</sup>

Esse grito, sinal claro de resistência quase profética, não causou qualquer reação dos outros prisioneiros apáticos e esfomeados, que voltaram aos seus blocos. Segundo Barenghi, “não é somente uma mensagem: é uma advertência, um sinal, um golpe solene que infringe a normalidade desumana e opaca do Lager”.<sup>115</sup>

Refletindo a respeito do episódio, Levi vivia um momento “privilegiado” por ter compreendido os mecanismos de funcionamento do Lager: trabalhava protegido do inverno polonês e sua engenhosidade permitiu a elaboração de um esquema de troca de materiais roubados do laboratório por rações extras de comida.

O enforcamento do rebelde, símbolo do homem que ainda era capaz de se revoltar e agir, traz os prisioneiros de volta à realidade terrível do campo.

Destruir o homem é difícil, quase tanto como cria-lo: custou, levou tempo, mas vocês, alemães, conseguiram. Aqui estamos, dóceis sob o seu olhar; de nós, vocês não tem mais nada a temer. Nem atos de revolta, nem palavras de desafio, nem um olhar de julgamento.<sup>116</sup>

Após repartir a comida com Alberto, Levi afirma sua condição de homem quebrado, diferente do resistente destinado à força – mesmo que esteja mais adaptado ao Lager, sua humanidade não é recuperada. Paradoxal, entretanto, é o sentimento ao qual ele se refere após

---

<sup>114</sup> LEVI, 1988, p. 151.

<sup>115</sup> BARENGHI, Mario. *Por que acreditamos em Levi*. Tradução: Pedro Spinola. Revista Digital do NIEJ, Ano 5, N.9, 2015, p. 18.

<sup>116</sup> LEVI, 1988, p. 152.



saciar a fome: a *vergonha*. Vergonha de estar vivo enquanto outros, talvez melhores, tenham morrido. Uma fagulha de dor humana ainda existe: a capacidade de sentir vergonha, (sentimento recorrente dos sobreviventes) ainda no espaço opressor do Lager e seu horror diário, nos mostra que resquícios de humanidade permanecem no prisioneiro 174 517.

Lessa afirma que a escrita de Levi se dá a partir do “registro de fragmentos” e opera por meio de um “mecanismo metonímico”, no qual os detalhes revelam o conjunto de todas as coisas: os pormenores narrados por Levi têm como objetivo dar conta da totalidade do horror do universo concentracionário a todos nós, seus leitores. Cada detalhe nos aproxima da realidade da máquina de extermínio. O olhar microscópico do cientista Levi traz conhecimento analítico sobre o todo Auschwitz e reafirma sua intenção de que suas palavras sejam uma oportunidade de conhecimento.

Em Auschwitz, cada um encontra-se “nu, sozinho e desconhecido”. Apesar da morte como destino quase certo, um encontro foi determinante na vida de Primo Levi. Essa relação pode ser considerada um resquício do mundo anterior ao Lager, dentro da aniquilação.

Lorenzo, o pedreiro italiano, trabalhador externo e livre, foi transferido para a Alta Silésia com a eclosão da guerra e, em junho de 1944, conheceu o prisioneiro Levi após um bombardeio em um canteiro de obras, local de trabalho dos dois. O relacionamento entre os italianos é explicado da seguinte maneira:

[...] um operário italiano me trouxe um pedaço de pão e os restos de suas refeições, cada dia, durante seis meses; deu-me de presente uma camiseta cheia de remendos; escreveu por mim um cartão-postal à Itália e conseguiu resposta. Por tudo isso não pedi nem aceitei compensação alguma, porque ele era simples e bom e não pensava que se deve fazer o bem a fim de receber algo em troca.<sup>117</sup>

Segundo Levi, Lorenzo falava pouco. Três dias após o encontro, o pedreiro trouxe uma marmitta alpina cheia de sopa (com capacidade de armazenamento de aproximadamente dois litros), apesar da proibição da comunicação entre prisioneiros e trabalhadores civis e dos olhares vigilantes da Gestapo. Levi dividiu o privilégio com seu amigo Alberto – uma sopa “estranha”, composta dos restos dos trabalhadores, e que garantiu a nutrição necessária para sobreviver ao regime de trabalho escravo: “no fim das contas, aquele litro extra de sopa serviu para completar a balança das calorias diárias”.<sup>118</sup>

Com a aproximação dos russos, o campo de trabalhadores italianos foi dispensado, e Lorenzo foi embora caminhando por uma Europa destrozada. Trabalhava em troca de

---

<sup>117</sup> LEVI, 1988, p. 121.

<sup>118</sup> LEVI, 2005, p. 389.

dinheiro ou mercadorias. Foi até a casa dos Levi, em Turim, levando notícias de que não era possível ter muita esperança do retorno do primogênito, que estava doente no momento de evacuação do Lager. Não aceitou o dinheiro que Ester Levi lhe ofereceu e partiu a pé. Lorenzo e Levi se reencontraram; o primeiro já não era forte ou corajoso, bebia muito e revelou ter tido outros protegidos em Auschwitz. Recebeu de Levi uma malha de inverno, mas recusou outro tipo de ajuda ou emprego. Morreu, no hospital e sozinho.

Apesar de ser descrito como um “salvador sisudo, de comunicação difícil<sup>119</sup>”, a ausência de palavras de Lorenzo não diminui seu ato generoso e altruísta de ajudar um desconhecido. Levi reconhece que sem a ração extra não teria sobrevivido. No universo concentracionário, atos desinteressados eram raros, se não inexistentes. Lorenzo era a lembrança constante de que um mundo justo existia, uma possibilidade de bem desinteressado: “Lorenzo era um homem; sua humanidade era pura, incontaminada [...]. Graças a Lorenzo, não esqueci que eu também era um homem”.<sup>120</sup>

### 3.2 O silêncio dos mortos

Após analisar e racionalizar o espaço físico de Auschwitz, Levi desloca seu olhar para as pessoas, utilizando duas categorias de análise: homens *que se salvam e os que afundam*.

A renúncia de parte de seu próprio mundo moral está diretamente ligada à sobrevivência. Levi indica uma importante distinção: os proeminentes (funcionários do campo) judeus e os não-judeus. Entre os judeus a luta por essas funções era mais ferrenha, já que os não-judeus eram considerados biologicamente superiores.

Outros sobreviventes, que não eram funcionários, travaram uma luta de todos contra todos, empregando toda engenhosidade possível para viver mais um dia. Schepschel, judeu da Galícia, pacato e aparentemente simpático e humilde, prejudicou um companheiro na esperança de tornar-se um lavador de panelas. Alfred L., conhecido no meio industrial da Europa, obteve privilégios graças à sua aparência de limpeza e ar de classe: segundo Levi, um adepto da filosofia do “ser julgado poderoso é meio caminho andando para se tornar realmente poderoso [...] uma aparência digna de respeito é a melhor garantia de ser respeitado”. Elias, o anão, ladrão e de grande força física sobreviveu porque “é fisicamente

---

<sup>119</sup> Ibid., p. 390.

<sup>120</sup> LEVI, 1988, p. 124.

indestrutível; resistiu à aniquilação interna porque é demente”.<sup>121</sup> Henri, por sua vez, civilizado e poliglota – sobreviveu utilizando três métodos: o jeito, a compaixão e o roubo. O jeito consistia no tráfico de mercadorias de origem inglesa, como o tabaco, que podia ser trocado por várias rações de pão; a compaixão como uma via de acesso para formar uma rede de protetores (desde trabalhadores da fábrica até médicos na enfermaria) e o roubo era utilizado caso os recursos anteriores falhassem.

A diversidade e complexidade de caminhos que conduziam a mais um dia de vida (ou salvação) eram bastante diferentes do percurso da maioria dos homens aniquilados que afundaram.

A ritualística ocidental da morte é acompanhada pelo silêncio, e mesmo quando os vivos conseguem elaborar seu significado, as palavras faltam. A escrita sobre a Shoá também é permeada pela ausência das palavras dos milhões de indivíduos, engolidos pela noite. As palavras de quem sobreviveu e testemunhou carregam essa lacuna: falar em nome dos mortos. Sua luta se faz contra o abandono da memória e o sentimento de desamparo. Assim: “a mão que escreve é antes uma mão que vasculha a linguagem que falta, que tateia em direção à linguagem sobrevivente, que se crispa, que se exaspera e que a ponta dos dedos por ela mendiga”.<sup>122</sup> A escrita fala do que falta e preserva a presença dos que não puderam falar.

Grande parte dos deportados aos campos de extermínio que não morreram imediatamente, sofreram a transformação em *homo lager*, ou seja, o habitante do Campo que começa a perder suas características humanas e que tem como fim a morte (através do gás Zyklon-B, ou pelo esgotamento causado pelo trabalho físico, pela fome e pela tortura). Entretanto, antes que o silêncio final o encontre, há um hiato, ou reino entre a vida e a morte, uma presença biológica que se arrasta, apática, que causa choque e repulsa ao olhar e que é nomeado através figura do muselmann. Segundo Jean Améry, o muselmann era o “prisioneiro que havia abandonado qualquer esperança, já não dispunha de um âmbito de conhecimento capaz de lhe permitir discernimento entre bem e mal”.<sup>123</sup>

Esse denominação foi utilizada em vários campos, com o significado em comum do cadáver vivo que ainda não é um cadáver morto.<sup>124</sup>

---

<sup>121</sup> LEVI, 1988, p. 98.

<sup>122</sup> QUIGNARD, Pascal. *O nome na ponta da língua / tradução de Yolanda Vilela*. Belo Horizonte (MG): Chão da Feira, 2018, p. 17.

<sup>123</sup> AGAMBEN, 2008, p. 49.

<sup>124</sup> Cadáver vivo é expressão utilizada por David Rousset, em sua obra *O Universo Concentracionario*, publicada em 2016 em Portugal.

No que diz respeito aos sintomas da doença da desnutrição, devemos distinguir duas fases. A primeira caracteriza-se pelo emagrecimento, pela astenia muscular e pela progressiva perda de energia nos movimentos. Nesse estágio, o organismo ainda não está profundamente danificado. Para além da lentidão nos movimentos e da perda de forças, os doentes não mostram outros sintomas. Com exceção de uma certa excitabilidade e de uma típica irritabilidade, nem sequer se manifestavam alterações de caráter psíquico. Era difícil perceber o momento da passagem de uma fase para a outra. Para alguns isso acontecia de maneira lenta e gradual, para outros, muito rapidamente. Podia-se calcular que a segunda fase começava mais ou menos quando indivíduo faminto havia perdido um terço de seu peso normal. Quando continuava a emagrecer, a expressão do rosto também mudava. O olhar tornava-se opaco e o rosto assumia uma expressão de indiferença, mecânica e triste. Os olhos ficavam cobertos por um véu, as órbitas, profundamente cavadas. A pele tomava um colorido cinza-pálido, tornava-se sutil, dura, parecida com papel e começava a descamar-se. Era muito sensível a qualquer tipo de infecção e contágio, especialmente à sarna. Os cabelos eriçavam-se, tornavam-se opacos e rompiam facilmente. A cabeça se encompridava, as maçãs do rosto e as órbitas ficavam bem evidenciadas. O doente respirava lentamente, falava baixo e com grande fadiga. Dependendo da duração do estado de desnutrição, apareciam edemas grandes ou pequenos. Manifestavam-se inicialmente nas pálpebras e nos pés e apareciam em pontos diferentes de acordo com as horas do dia [...]. Aos inchaços se acrescentava muitas vezes a diarreia, que frequentemente podia preceder o desenvolvimento dos edemas. Nessa fase, os doentes tornavam-se indiferentes a tudo que acontecia ao seu redor. Eles se autoexcluíam de qualquer relação com o seu ambiente. Quando ainda eram capazes de se mover, isso se dava em câmera lenta, sem que dobrassem os joelhos. Dado que sua temperatura baixava normalmente até abaixo de 36 graus, tremiam de frio. Observando de longe um grupo de enfermos, tinha-se a impressão de que fossem árabes em oração. Dessa imagem derivou a definição usada normalmente em Auschwitz para indicar os que estavam morrendo de desnutrição: muçulmanos.<sup>125</sup>

A degradação da vida se faz presente nessa figura: sua morte é produzida em série. Os homens cinzentos, com ossos protuberantes, arrastando seus pesados tamancos simbolizam essa destruição. Sua visão causava temor e inquietação aos prisioneiros recém-chegados pela possibilidade latente de tornar-se também aquele farrapo humano, morto-vivo. O nervo do campo, segundo Agamben, marca o limiar entre o homem e o não-homem, esse ser biológico, sem consciência ou vontade. Ao escrever *Pensem bem se isto é um homem*, Primo Levi olha nos olhos do müselmann, essa visão incômoda e absolutamente necessária.

*A sua vida é curta, mas seu número é imenso ; são eles, os ‘muçulmanos, os submersos, são eles a força do Campo: a multidão anônima, continuamente renovada e sempre igual, dos não-homens que marcham e se esforçam em silêncio; já se apagou neles a centelha divina, já estão tão vazios, que nem podem realmente sofrer. Hesita-se em chamá-los vivos; hesita-se em chamar ‘morte’ à sua morte, que eles já nem temem, porque estão esgotados demais para poder compreendê-la.*<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> AGAMBEN, 2008, p. 50.

<sup>126</sup> LEVI, 1988, p. 91. (grifo nosso)

No capítulo Kraus, os Häftlinge estão trabalhando na chuva e no barro. O mês é novembro, e os companheiros de trabalho economizam forças e energia – já aprenderam que o trabalho realizado no Lager é diferente de qualquer coisa que se fazia fora de Auschwitz. Entretanto, o húngaro Kraus “trabalha demais e com excessivo rigor”. Não compreende muito bem o alemão, o que significa que sua vida será curta; é repreendido por todos no comando de trabalho que retira a lama de um buraco que será transportada para “quem sabe aonde, pouco importa”.<sup>127</sup>

Kraus não consegue andar no ritmo da marcha organizada que volta do trabalho – um passo em falso prejudica a todos na fila: os tamancos de madeira enlameados, pesados e molhados ficam presos, e é de importância vital conservar os sapatos. Levi então inventa um sonho, que descreve a Kraus em “mau alemão”, no qual os dois estão fora de Auschwitz, como homens, com o calor do sol de verão e fartura de comida. Kraus fica comovido e tenta balbuciar seu agradecimento em húngaro; inútil visto que os dois não se entendem, a não ser por gestos. O sonho de Levi é uma mentira, e sobre o “pobre e tolo” Kraus não há registro ou memória, exceto por esse capítulo.

Mesmo que o prisioneiro Levi considerasse Kraus um obstáculo ou problema, a testemunha que escreve enxerga a humanidade e nomeia o décimo quarto capítulo de seu testemunho da destruição da humanidade em sua memória. Kraus simboliza os afogados, aqueles que sucumbiram – os sobreviventes são uma “minoría anômala, além de exígua: somos aqueles que, por prevaricação, habilidade ou sorte, não tocamos o fundo [...] Eles são a regra, nós, a exceção”.<sup>128</sup> Nenhum outro capítulo se vale desse recurso. Levi fala em seu nome, já que não alcançou o fundo; seu discurso afirma a existência do homem Kraus, crava sua presença na memória. O prisioneiro reduzido a um conjunto de números e funções vitais afunda; o homem húngaro, “bom rapaz” que possui um nome e dignidade é registrado no texto, e vive até hoje, para além de suas páginas. Primo Levi reafirma seu propósito de que seus escritos fossem lidos como uma obra coletiva, representante de várias outras vozes.

Cabe observar que aqui nos deparamos com um registro utilitário da linguagem: não há necessidade de conversa se as palavras não servirem ao propósito da sobrevivência. Segundo Uri Cohen, a destruição da linguagem é um dos objetivos do Lager.<sup>129</sup> O Häftling experiente não desperdiça sua energia com atividades desnecessárias porque está reduzido à

---

<sup>127</sup> LEVI, 1988, p.134.

<sup>128</sup> LEVI, 2004b, p.72.

<sup>129</sup> [...] “*The breakdown of language is itself a driving mechanism of the camp.*

COHEN, Uri. *Lagersprache: Primo Levi and the Language of Survival*. Dibur Literary Journal. Issue 1, Fall 2015, p. 67.

fome, e só mobiliza sua energia para que sua sobrevivência se prolongue. O escritor, por sua vez, após reencontrar-se com sua humanidade conta a história de Kraus, lapidando as palavras, “não se limita a reunir os dados, mas interroga-os, cruza-os, coloca-os em remissão mútua, *extrai deles uma maior humanidade*, além de um maior conhecimento”.<sup>130</sup>

Ainda no capítulo Kraus, Levi nos diz que a gíria do Campo para a palavra “nunca” é amanhã de manhã. Não há espaço para que se pense no amanhã – esse dia tão distante, essa ideia que pode não se concretizar. Amanhã pode ser o fim da guerra, mais um dia de trabalho extenuante ou até mesmo a chegada da morte. O prisioneiro reduzido a suas vísceras não conta a passagem do tempo como antes, seus dias não deixam memória. A escrita resgata a passagem do tempo, a memória e a necessidade – apesar da impossibilidade - de atribuir um nome e uma história a cada um que afundou.

### 3.3 A alternância de vozes

As vozes que falam ao leitor de *É isto um homem?* afirmam sua qualidade literária. Essa estrutura “permite extraordinários deslocamentos de pontos de vista”, desenvolvida “a partir de memórias ou recordações, relatadas em forma de diário e povoadas por descrições de sentimentos e atmosferas, que vão do monólogo interior à extrema objetividade”.<sup>131</sup>

Os deslocamentos de ponto de vista permitem a identificação da voz de Primo Levi, o cientista, descrevendo e analisando o Lager, e também do prisioneiro 174517, dentro do inferno Auschwitz. Por vezes essas vozes se misturam, como se Levi pisasse novamente na lama polonesa, para em seguida flutuar sobre a topografia do campo. Além disso, sua voz chama constantemente o leitor; é urgente que o processo racional que tem como objetivo a aniquilação da humanidade seja do conhecimento de todos.

O primeiro capítulo, *A viagem*, narra a prisão na Itália e a chegada ao campo. Levi descreve a tradição que envolve os rituais de condenação à morte e a constatação que o comboio de italianos ia em direção ao nada. O escritor precisa voltar ao espaço em que viveu o horror para testemunhar, exercício doloroso e individual, entretanto, não se esquece dos que acompanham sua trajetória. Ainda nesse capítulo, a convocação do leitor se dá através de duras palavras: “Será que vocês não fariam o mesmo? Se estivessem pra ser mortos, amanhã, junto com seus filhos, será que hoje não lhes dariam de comer?”<sup>132</sup>

---

<sup>130</sup> LEVI, 2015, p. 187. (grifo nosso)

<sup>131</sup> AMARAL, Emília. *Memorialismo e experiência estética: Primo Levi*. São Paulo: Humanitas, 2012, p. 73.

<sup>132</sup> LEVI, 1988, p. 14.

Os capítulos *No fundo e A iniciação*, descrevem a desorientação dos recém-chegados, durante o “batismo” do Lager: a nudez, a tosquia e a tatuagem – além da tortura causada pela sede e fome. Os rituais de trabalho, as diferentes categorias de prisioneiros, as regras relacionadas à alimentação, além de questões relativas à higiene dos prisioneiros. Levi, o cientista, insere dados sobre os números dos tatuados de Auschwitz, claramente no mesmo movimento que irá realizar durante o processo de escrita de seu testemunho: estar de volta ao Lager, analisar fatos e comportamentos humanos, a fim de produzir conhecimento e tentar compreender o universo concentracionário. “Bem sei que, contando isso, dificilmente seremos compreendidos, e talvez seja bom assim”<sup>133</sup> serve para lembrar que apesar do esforço da descrição detalhada dos rituais desumanizadores do Lager, a compreensão da experiência não pode ser alcançada através de um esquema ou de sua simplificação.

Mesmo que a escrita de Levi seja cristalina, em alguns momentos não é possível identificar qual a voz que fala no texto – se Levi, o cientista, ou o prisioneiro 174517. Após a descrição do sonho recorrente em que ele está de volta à Itália, e o estado de choque que se segue após a percepção de que ninguém realmente ouve sua narração sobre Auschwitz, o sono acaba e ele reflete: “enquanto medito assim, procuro aproveitar esse intervalo de lucidez para tirar de cima de mim os farrapos de angústia da modorra anterior e garantir, talvez, a paz do próximo sono. Sento no escuro, olho ao redor, aguço o ouvido”. Não fica claro se Levi está se referindo ao despertar no Bloco ou se parou de escrever ao encarar a torrente de memórias dolorosas e recentes, sentado em seu organizado escritório em Turim.

Barengi observa a questão do choque das identidades: “se a identidade do eu narrado não pode ser harmonicamente conciliada com a identidade do eu que narra, o sentimento de laceração é inevitável”.<sup>134</sup> Auschwitz ainda reverbera; o sobrevivente - testemunha, de volta ao mundo anterior à barbárie sente-se deslocado e não encontra seu lugar e nem a si mesmo, duvida de suas palavras e da sua memória: “Hoje – neste hoje verdadeiro, enquanto estou sentado frente a uma mesa, escrevendo – hoje eu mesmo não estou certo de que esses fatos tenham realmente acontecido.”<sup>135</sup>

O capítulo *Aquém do bem e do mal* é um relato etnográfico: uma análise da economia de trocas do campo através do comércio ilegal de mercadorias como camisas, pães, sopa, nabos, cenouras, batatas e o tabaco. Levi descreve o complexo arranjo para se obter uma

---

<sup>133</sup> LEVI, 1988, p. 25. (grifo nosso)

<sup>134</sup> BARENGHI, Mario. *A memória da ofensa: recordar, narrar, compreender*. Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, n.73, Nov. 2005, p. 181.

<sup>135</sup> LEVI, 1988, p. 105.

colher (não é possível tomar a sopa sem colher) e para traficar mercadorias com os trabalhadores externos (crime com severa punição pelas SS). Nessa rede de roubos e contra-roubos a voz de Levi é ouvida no esforço da narração sem juízos de valor; apesar da fome e do frio, seu olhar científico é capaz elaborar raciocínios e de estabelecer relações. Levi elabora muitas perguntas, que nos falam de aspectos fundamentais do processo de aniquilação da humanidade.

Frente a este mundo infernal, minhas ideias se confundem: será mesmo necessário elaborar um sistema e observá-lo? *Não será melhor compreender que não se possui sistema algum?*

Na marcha de saída e na marcha de regresso, nunca faltam os SS. Quem poderia negar-lhes o direito de assistir a essa coreografia que eles criaram, à dança dos homens apagados, pelotão após pelotão, voltando e indo em direção à bruma? *Que prova mais concreta de vitória?*

*Como poderíamos pensar em não ter fome?* O Campo é a fome; nós mesmos somos a fome, uma fome viva.

Será que os alemães têm tanta necessidade de químicos? Ou é apenas um truque a mais, um novo mecanismo *pour faire chier les Juifs*, pra encher o saco dos judeus? *Como não se apercebem do esforço grotesco, absurdo que exigem de nós, de nós, já não vivos, nós, meio dementes na esquálida espera do nada?*

Eles (os trabalhadores externos) nos ouvem falando muitas línguas diferentes que não compreendem e que lhes soam grotescas, como gritos de bichos; vêem-nos escravizados ignobilmente, sem cabelo, sem honra nem nome, a cada dia espancados, a cada dia mais abjetos, e nunca leem em nosso olhar uma luz de revolta, de paz ou de fé. Sabem que somos ladrões e indignos de confiança, sujos, esfarrapados, esfomeados, e, trocando o efeito pela causa, julgam-nos merecedores de nossa abjeção. *Quem poderia distinguir nossos rostos?*

Do meu beliche, no terceiro andar, vejo e ouço o velho Kuhn rezando em voz alta, com o boné na mão, meneando o busto violentamente. [...] Não sabe, Kuhn, que da próxima vez será a sua vez? *Não compreende que aconteceu, hoje, uma abominação que nenhuma reza propiciatória, nenhumperdão, nenhuma expiação, nada que o homem possa fazer, chegará nunca a reparar?*

*Mas quem é que pode, seriamente, pensar no dia de amanhã?*

Éramos noventa e seis quando entramos, nós, os italianos do comboio cento e setenta e quatro mil; só vinte e nove sobreviveram até outubro e, destes, oito se foram para a seleção. Somos vinte e um, e o inverno recém-começou. *Quantos chegarão vivos até o novo ano? Quantos até a primavera?*

[...] trouxeram até nós a nova da luta legendária do Gueto de Varsóvia e nos contaram como, já há um ano atrás, os alemães liquidaram o Campo de Lublin: fogo nos alojamentos e quatro metralhadoras nos quatro cantos do Campo. O mundo civil não saberá nunca. *Quando será a nossa vez?*<sup>136</sup>

---

<sup>136</sup> LEVI, 1988, passim.



A constatação de que não há respostas que expliquem o Lager e suas proibições sem sentido, o esvaziamento da individualidade através dos rituais que iniciam e finalizam o dia de “trabalho” em Auschwitz; a fome que transforma o humano em animal. A certeza de que não há salvação, apenas morte: não há espaço para pensar no futuro, não há mais indivíduos e sim uma massa informe destinada ao nada – a transformação do humano em um feixe de ossos é uma ofensa que jamais poderá ser reparada ou perdoada. Não cabe aqui especular a respeito das respostas, ou até mesmo se há possibilidade de responder já que Levi nunca nos permite esquecer que uma barreira nos separa dos sobreviventes, afinal, nós não estivemos *lá*.

### 3.4 O prefácio, o poema e a responsabilidade

Segundo Gagnebin:

testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.<sup>137</sup>

Responsabilizar-se pelo testemunho é um imperativo ético. A reflexão sobre o passado, sem esquecer que o presente é o tempo de ação, é uma forma de escuta ativa e de manutenção da memória das testemunhas.

A abertura de *É isto um homem?* contém dois elementos: o prefácio e um poema. A voz que fala no prefácio é racional e lúcida, e seu tom é “pacato e argumentativo”.<sup>138</sup> Levi explica sua escolha pela narração que “nada acrescenta aos detalhes atroz”, mas que tem como objetivo “fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana”<sup>139</sup>, além de apontar o caráter fragmentário dos capítulos escritos “por ordem de urgência”.<sup>140</sup> O poema, por sua vez, é uma convocação do leitor; uma ordem para que ele ouça, pense, grave e repita suas palavras aos seus filhos. Está carregado de emoções recentes (foi escrito em 1946), quase em tom bíblico. Cinco versos dedicam-se especificamente à

---

<sup>137</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006, p. 57.

<sup>138</sup> BARENGHI, 2005, p.178.

<sup>139</sup> LEVI, 1988, p. 7.

<sup>140</sup> LEVI, 1988, p. 8.

reflexão: esses bonecos de barro podem ser considerados homens? Os cinco versos seguintes fazem a mesma pergunta sobre as condições das mulheres. Após a exortação ao leitor, Levi termina com uma maldição: *que seus filhos virem o rosto para não vê-los*. Suas palavras dirigem-se a nós, seus leitores.

Limitando-se a evocar a história de uma perseguição sem precedentes, o autor/testemunha não maldiz os perseguidores pelo que fizeram, mas os leitores, pelo que poderiam deixar de fazer. O que o move não é a execração dos que cometeram crimes, mas a necessidade de fixar a consciência de que crimes foram efetivamente cometidos. Em outras palavras, o leitor é convocado a desempenhar o papel da testemunha, assumindo as responsabilidades que derivam desse ato.<sup>141</sup>

Desse modo, aquele que lê torna-se responsável pelas palavras que lê.

Enquanto o prefácio pode ser relacionado à tentativa da compreensão dos fatos, o poema trata da recordação deles; o poema é uma forma de recontar, afastando a essência do pesadelo dos sobreviventes – voltar pra casa, contar sobre os sofrimentos e não ser ouvido. O prefácio e o poema são complementares: o texto racional é a tentativa da compreensão do projeto racional de destruição do homem; o poema nos lembra da impossibilidade de entender tudo.

No capítulo *Aquém do bem e do mal*, Levi nos chama diretamente mais uma vez.

Desejávamos, agora, convidar o leitor a meditar sobre o significado que poderiam ter para nós, dentro do Campo, as velhas palavras ‘bem’ e ‘mal’, ‘certo’ e ‘errado’. Que cada qual julgue, na base do quadro que retratamos e dos exemplos que relatamos, o quanto, de nosso mundo moral comum, poderia subsistir aquém dos arames farpados.<sup>142</sup>

O convite ao julgamento é a constatação de uma impossibilidade. O capítulo ao qual o trecho se refere trata dos mecanismos de roubos vigentes no Lager e nas fábricas (onde trabalhavam os civis). Porém, a incapacidade de julgar, emitir juízos a respeito de uma realidade que não vivemos - a *impotentia judicandi*<sup>143</sup> - pode se estender a todos os aspectos que envolvem o universo concentracionário. Levi chama o leitor, mas não se esquece de estabelecer a distância necessária entre quem viveu a desumanização e quem apenas lê sobre ela. Aquele que experimentou Auschwitz na pele está apartado da humanidade que existiu e

---

<sup>141</sup> BARENGHI, 2005, p.178.

<sup>142</sup> LEVI, 1988, p. 87.

<sup>143</sup> LEVI, 2004b, p. 51.

existe fora desse espaço de morte delimitado por toneladas de arame farpado: estão como que separados por uma parede de vidro.

### 3.5 O silêncio do esquecimento

Em 1955, no texto Aniversário, publicado no Jornal La Stampa, Levi afirma a necessidade do testemunho em um tempo em que o silêncio predomina. Apenas dez anos após a libertação de Auschwitz não se falava mais das ações da barbárie nazista: seja pelo silêncio daqueles que evitavam a discussão, seja pelo silêncio causado pela vergonha de ser pertencer à mesma família humana dos torturadores e carrascos. Para Levi, falar era essencial: se os sobreviventes se calassem, certamente seus carrascos não falariam sobre seus crimes. Evitar que a barbárie fosse esquecida também era essencial para que ela não se repetisse.

Esse silêncio, decorrente do esquecimento, já aparece ao prisioneiro Levi em um sonho-delírio, no quarto capítulo de *É isto um homem?*. Enquanto ele trabalha, carregando pesados suportes de ferro, vê passar um vagão de trem italiano:

Subir lá, num canto, bem escondido no meio do carvão, ficar calado e imóvel na escuridão, escutando o ritmo interminável dos trilhos, mais forte do que a fome e o cansaço; até que, de repente, o trem pare, e eu sinta o ar tépido e o cheiro do feno, e possa sair ao sol; então deitar ao chão, e beijá-lo, como se lê nos livros, com o rosto na grama. E passaria uma mulher, e perguntaria, em italiano: *Chi sei?*, eu responderia em italiano, ela compreenderia e me daria comida e abrigo. Ela não acreditaria nas coisas que eu contasse, e então eu mostraria o número tatuado no braço, e então...<sup>144</sup>

O sonho-delírio é interrompido pela realidade. No capítulo seguinte, Levi descreve o sonho, cuja essência (contar e não ser escutado) se repetia nos relatos de vários prisioneiros.

Aqui está minha irmã, e algum amigo (qual?), e muitas outras pessoas. Todos me escutam, enquanto conto do apito de três notas, da cama dura, do vizinho que gostaria de empurrar para o lado, mas tenho medo de acordá-lo porque é mais forte do que eu. Conto também a história da nossa fome, e do controle dos piolhos, e do Kapo que me deu um soco no nariz e logo mandou que me lavasse porque sangrava. É uma felicidade interna, física, inefável, estar em minha casa, entre pessoas amigas, e ter tanta coisa para contar, mas bem me apercebo de que eles não me escutam. Parecem indiferentes; falam entre si de outras coisas, como se eu não estivesse. Minha irmã olha pra mim, levanta, vai embora em silêncio.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> LEVI, 1988, p. 43.

<sup>145</sup> LEVI, 1988, p. 60.

O sonho reaparece no texto *Assim foi Auschwitz*, publicado em 1975:

Às vezes, até se materializa à nossa frente um sonho curiosamente simbólico que frequentava nossas noites de prisão: o interlocutor não nos ouve, não entende, distrai-se, vai embora e nos deixa sós. Mas é preciso contar: é um dever para os companheiros que não voltaram e é uma tarefa que confere sentido à nossa sobrevivência. A nós coube (não por virtude nossa) viver uma experiência fundamental e aprender algumas coisas sobre o Homem que consideramos necessário divulgar.<sup>146</sup>

O homem que existia antes de Auschwitz não pode mais ser reconhecido nesse sobrevivente que narra sua história. Para Barenghi:

o angustiante presságio da indiferença alheia germina justamente da suspeita inconsciente (do terror) de que talvez a barreira que os separa do resto da humanidade tenha sido definitivamente interiorizada — e talvez o verdadeiro arame farpado não seja aquele que demarca o dentro e o fora, mas o que dividiu, de uma vez por todas, o antes do depois.<sup>147</sup>

O sonho recorrente, cuja essência é falar e não ser ouvido, pode ser considerado como uma continuação de Auschwitz na vida do sobrevivente. A indiferença de quem ouve é também o triunfo do projeto nazista. Há uma voz que fala, que narra acontecimentos de um espaço absolutamente inimaginável; essa voz quer ser escutada, acolhida e, mais importante, acreditada. Dentro do Lager o pesadelo da incomunicabilidade foi parte da aniquilação humana, fora dele, e após o término da guerra, essa ausência de uma relação entre o que fala e o que escuta, faz com que o sobrevivente veja a materialização de seu sonho-pesadelo.

Em 2018, de acordo com a Deutschwelle, Auschwitz recebeu número recorde de visitas (mais de dois milhões de pessoas). Neste mesmo ano, de acordo com pesquisas da Fundação Körber, 41% dos jovens alemães de 14 anos de idade não sabe que Auschwitz foi um campo de concentração e extermínio. O partido de extrema-direita da Alemanha, o AfD (Alternative für Deutschland), ataca frequentemente o que eles chamam de “ditadura da memória” – termo usado por Wolfgang Gedeon, autor de um projeto contra a instalação das Stolperstein, ou pedras de tropeço (do artista plástico Gunter Demnig).

Enquanto escrevo estas palavras, é Yom HaShoá. O empresário israelense Mati Kochavi e sua filha Maya lançaram entre os dias 1 e 2 de maio, uma conta no Instagram chamada *Eva.stories*, baseada nos diários de Eva Heyman, morta em Auschwitz, a fim de utilizar uma nova mídia como forma de aproximação das tragédias individuais das vítimas

---

<sup>146</sup> LEVI, 2015, p. 135-6.

<sup>147</sup> BARENGHI, 2005, p. 183.

com os adolescentes e jovens em 2019.<sup>148</sup> “E se uma garota tivesse Instagram no Holocausto?” apresenta o trailer do filme, distribuído em forma de stories (pequenos cortes do vídeo), desde seu aniversário de treze anos, passando pelo gueto até o embarque nos trens de carga e deportação para o campo de extermínio. O alcance do perfil, em apenas dois dias, já ultrapassa a marca de um milhão de visualizações. Defensores da iniciativa acreditam que não há problemas na utilização desse tipo de linguagem visual que inclui marcações (hashtags) como #vidaduranteaguerra e #gueto já que a história de Eva é visualizada através de um simulacro de um celular, retratando sempre a perspectiva da jovem. Outros críticos acreditam que a história contada através desse recurso tecnológico faz com que a Shoá seja trivializada, além de ser de mau gosto e incentivar a cultura de tirar *selfies* em lugares como Auschwitz. Fato é que a essência do sonho de Levi está presente, com o agravante de que em breve não haverá mais relatos em primeira pessoa.

Ruth Klüger critica o que ela chama de cultura museológica dos campos de concentração. Sua reflexão tem início a partir de um episódio em que dois estudantes alemães pintaram de branco as cercas de Auschwitz como um “serviço civil como reparação do passado”. Para ela, há um vazio entre Auschwitz, o lugar que foi e o lugar que se está. Como lugares de visita turística, não é precisa a ideia do que se passou neles há mais de setenta anos. Assim, cria-se uma impossibilidade: “é um absurdo querer apresentar os campos, tal qual foram outrora, no sentido espacial. Entretanto, é quase tão absurdo querer descrevê-los como palavras como se nada houvesse entre nós e o tempo em que existiram”.<sup>149</sup>

Pensem: há não mais de vinte anos, e no coração dessa civilizada Europa, sonhou-se um sonho demente, o de edificar um império milenar sobre milhões de cadáveres e de escravos. O verbo foi banido das praças: pouquíssimos recusaram e foram destruídos; os demais consentiram, em parte com aversão, em parte com indiferença, ou ainda com entusiasmo. Não foi apenas um sonho: o império, mesmo que efêmero, foi edificado; os cadáveres e os escravos existiram.<sup>150</sup>

Por que continuar a falar de horrores? Silenciar o passado é perigoso; é necessário relacioná-lo ao presente, não de uma forma repetitiva, mas sim, tentando dar espaço às palavras que ainda não foram ouvidas.

---

<sup>148</sup> <https://www.nytimes.com/2019/04/30/world/middleeast/eva-heyman-instagram-holocaust.html> (acesso em 02/05/2019)

<sup>149</sup> KLÜGER, 2005, p. 73.

<sup>150</sup> LEVI, 2015, p. 87.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *A história de dez dias*, capítulo final de *É isto um homem?*, Primo Levi encontra-se doente de escarlatina e internado na enfermaria. A inquietação da libertação agita os prisioneiros mais novos – os mais velhos ainda se guiam pela regra do Lager de não fazer perguntas. Após a partida dos prisioneiros que podiam andar, os outros doentes são abandonados à própria sorte, em “dez dias fora do mundo e fora do tempo”.<sup>151</sup>

Nesse período de tempo Levi recupera alguma energia. A escarlatina apresenta apenas leve melhora, enquanto os assuntos da vida cotidiana exigem soluções urgentes. Nesse processo, alguns indícios de renascimento da humanidade aniquilada aparecem timidamente. Retornemos ao Levi desorientado, logo na chegada ao Lager, quando uma pessoa varre todos os sapatos para fora, rompendo com o mundo civilizado, no qual cada um tinha seu par de sapatos: “Está maluco, vai misturá-los todos, noventa e seis pares de sapatos”.<sup>152</sup> A primeira preocupação de Levi enquanto homem livre é encontrar um bom par de sapatos – momento marcante de reinserção em alguma ordem após a destruição. No segundo dia, quando os SS já haviam abandonado o campo e intensos bombardeios aconteciam na região, ele fica na cama, protegido do frio e sem vontade de falar - lê um livro até tarde: “não havia relógios”. A máquina nazista que controlava todos os aspectos do cotidiano dos prisioneiros não estava mais lá. O tempo voltava ao domínio do indivíduo.

Ainda bastante debilitado pela doença Levi organiza uma expedição ao campo, com a ajuda de dois prisioneiros franceses – Charles e Arthur. No final do dia havia calor, batatas, lenha e carvão. Um momento simbólico acontece nesse dia:

Quando consertamos a janela quebrada e a estufa começou a espalhar calor, pareceu que algo se soltava dentro de nós, e Towarowski (um franco-polonês de vinte e três anos, doente de tifo) sugeriu que cada um oferecesse uma fatia de pão a nós três que trabalhávamos; a sugestão foi aceita.

Ainda um dia antes, esse acontecimento seria inconcebível. A lei do Campo mandava: ‘Come teu pão, e se puderes, o do vizinho’, e não havia lugar para a gratidão. Isso significava que o Campo estava mesmo acabado.

*Foi o primeiro gesto humano entre nós. Acho que poderíamos marcar naquele instante o começo do processo pelo qual nós, que não morremos, de Häftlinge voltamos lentamente a ser homens.*<sup>153</sup>

---

<sup>151</sup> LEVI, 1988, p. 158.

<sup>152</sup> Ibid., p. 21.

<sup>153</sup> Ibid., p. 162. (grifo nosso)

Em outro momento, Primo, Charles e Arthur estão contando histórias ao redor do calor da estufa: podem falar sobre suas lembranças do período anterior ao Lager. Têm acesso novamente ao plano do pensamento e dos sentimentos, negado aos Häftlinge pelos nazistas. Talvez possamos falar aqui de uma reinvenção da humanidade: a gênese de um novo homem, destruído e destituído de sua identidade, sobrevivente do impensável e que caminha precariamente a fim de tornar-se humano novamente.

Do mesmo modo, o capítulo em que Levi tenta ensinar ao companheiro Jean trechos de O canto de Ulisses é uma afirmação da humanidade: mesmo que o texto possua lacunas, ausências e silêncios ele ainda pode comunicar algo essencial.

A construção do livro através de fluxo intenso e detalhado de informações é uma forma de combate ao silêncio aniquilador. A ênfase na tentativa de compreender e não julgar é uma recusa da desumanização, onde não há espaço para o pensamento e para perguntas. Sucumbir ao silêncio seria uma vitória dos opressores; por isso a necessária luta em busca das palavras justas. O que falta às palavras motiva a escrita: os mecanismos de funcionamento descritos em seus pormenores falam do Primo Levi cientista, racional; mesmo que ele não possa se desvencilhar do prisioneiro 174 517 – “nada era verdadeiro fora do Lager”.<sup>154</sup>

Filtrar, destilar, concentrar – as operações químico-literárias de Levi<sup>155</sup> serviram como orientação para a leitura de sua obra realizada nessa dissertação: a aceitação de que o que os sobreviventes nos disseram também está carregado do que eles não podem nos dizer. O silêncio como reflexão deve servir ao combate do silêncio como resignação, ou pior, o silêncio do esquecimento.

O Lager é a fome, a incomunicabilidade, a aniquilação da humanidade. Também é a vergonha da lembrança e a vergonha da sobrevivência. O testemunho é assentado na ausência e no silêncio daqueles que não puderam contar suas histórias.

Didi-Huberman reflete, diante de Auschwitz e as fotografias milagrosamente tiradas pelo Sonderkommando Alberto Errera: “Isto é inimaginável, logo devo imaginá-lo apesar de tudo”.<sup>156</sup>

Escrever é dar vida e morrer.<sup>157</sup>

---

<sup>154</sup> LEVI, 2004a, p. 359.

<sup>155</sup> BARENGHI, 2015, p. 36.

<sup>156</sup> DIDI-HUBERMAN, 2017, p. 31.

<sup>157</sup> QUIGNARD, 2018, p. 88.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### I- Fontes primárias

LEVI, Primo. *71 contos de Primo Levi*. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. *A chave estrela*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. *A tabela periódica*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. *A trégua*. São Paulo: Planeta de Agostini, 2004a.

\_\_\_\_\_, BENEDETTI, Leonardo. *Assim foi Auschwitz*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015, p. 92-93.

\_\_\_\_\_. *É isto um homem?* São Paulo: Rocco, 1988.

\_\_\_\_\_. *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo: Paz e Terra, 2004b.

### II- Entrevistas com Primo Levi

ROTH, Philip. “Conversa em Turim com Primo Levi”. In: *Entre nós. Um escritor e seus colegas falam de trabalho*. Tradução de Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

### III- Dissertações e teses

BASEVI, Anna. *A língua que salva. Babel e literatura em Primo Levi*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2012.

GANDELMAN, Tatiana. *Primo Levi na dimensão do homem: da violência do mundo ao livro*. Rio de Janeiro: Tese (Doutorado em Teoria Literária), 2014.

ICHISAKA, Judith. *This is a man: language, memory and identity in Primo Levi's Se questo è un uomo*. Master's Theses: San Jose State University, 2005.

MACIEIRA, Aislan. *Primo Levi: ciência, técnica e literatura*. São Paulo: Dissertação, 2014.

MOZER, Gillian. *Text as Resistance in Holocaust Literature: Struggles for Personhood in Wiesel, Levi and Delbo*. Master's Theses: University of Connecticut, 2010.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. *Primo Levi e os rumores da memória: limites e desafios na construção do testemunho*. São Paulo: Dissertação (Mestrado em Sociologia), 2013.



PEREIRA, Nelci. *A literatura de testemunho sobre a Shoah em Primo Levi*. Goiás: Dissertação (Mestrado em Letras), 2017.

TAHVONEN, Eryk. *Perpetrators and Possibilities: Holocaust Diaries, Resistance and the Crisis of Imagination*. Master's Theses: Georgia State University, 2006.

#### IV- Artigos

ASSIS, Luciara. *Duas almas demasiadas: de chaves e de estrelas em Primo Levi*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 3, n. 5, out. 2009.

BARENGHI, Mario. *A memória da ofensa: recordar, narrar, compreender*. Novos Estudos – CEBRAP, São Paulo, n.73, p. 176-191, Nov. 2005.

BARENGHI, Mario. *Por que acreditamos em Levi*. Tradução: Pedro Spinola. Revista Digital do NIEJ | Ano 5 | N.9 | 2015.

BASEVI, Anna. *A janela indiscreta da testemunha: Primo Levi e o fantástico pós-Auschwitz*. Boletim de pesquisa Nelic. Florianópolis, v.15, n.23, p.227-239, 2015.

BLIKSTEIN, Izidoro. *A semiótica do aniquilamento em Auschwitz*. Italianistica, ano IV, n.4, 1996.

BRAVO, Anna. *On the gray zone*. Turin, Centro Internazionale di Studi, 2012

CALDAS, Pedro. *Variações experimentais: um estudo sobre a narrativa em A trégua, de Primo Levi*. Rio de Janeiro, Viso – Cadernos de estética aplicada, n.17, jul.-dez. 2015.

GINZBURG, Carlo. *Calvino, Manzoni and the Gray Zone*. Turin, Centro Internazionale di Studi, 2012.

FORTIN, Raphael. *A rememoração como recurso formal: notas acerca de uma entrevista a Primo Levi*. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica, n. 15, p. 270-279, 2017.

MAIA, Claudia. *De átomos e memórias. Il sistema periodico, de Primo Levi*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 11, n. 20, maio 2017

MIGUEL, Alcebiades D. *Um bestiário universal: ironia e pessimismo na ficção de Primo Levi*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 3, n. 4, mar. 2009.

NOGUEIRA, Roberto. *Primo Levi, o narrador do inenarrável*. Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG. Belo Horizonte, v. 4, n. 7, out. 2010.

OLIVEIRA, Lucas A. *A fabricação de uma forma pervertida de humano: Primo Levi e os rumores da memória*. Krypton: identità, potere, rappresentazioni, Roma, v. 5/6, p. 136-149, 2016.

OLIVEIRA, Lucas A. *Notas críticas sobre uma trajetória adversa: Uma viagem de Turim a Auschwitz*. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, n.22, jul-dez, 2013.

RICHARDSON, Anna. *The ethical limitations of Holocaust Literary Representation*. eSharp Issue 5. Borders and Boundaries. University of Manchester. p.1-19.

ZUIN, João Carlos Soares. *Um autorretrato de Primo Levi. As raízes literárias da narrativa de Auschwitz*. Revista de Ciências Sociais da UFC, Fortaleza, v.44, n.2, p. 212-242, 2013.

#### V- Bibliografia Geral

ADORNO, Theodor W. “Educação após Auschwitz”. In: Educação e Emancipação. Tradução de Wolfgang Leo Maar. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz*. São Paulo: Boitempo, 2008.

AMÉRY, Jean. *At the mind's limits. Contemplations by a survivor on Auschwitz and its realities*. Indiana: University Press, 1980.

ANTELME, Robert. *A espécie humana*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

APPELFELD, Aharon. *Badenheim 1939. Tradução de Moacir Amâncio*. Barueri, SP: Amarylis, 2012.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a banalidade do mal*. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

BOROWSKI, Tadeusz. *This Way for the Gas, Ladies and Gentleman*. New York: Penguin, 1976.

BUBNYS, Arunas. *Kaunas Ghetto 1941-1944*. Vilnius: Genocide and Resistance Research Centre of Lithuania, 2014.

\_\_\_\_\_. *Vilnius Ghetto 1941-1943*. Vilnius: Genocide and Resistance Research Centre of Lithuania, 2015.

COHEN, Marcel. *A cena interior*. São Paulo: Editora 34, 2017.

DURAS, Marguerite. *A dor*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.

COHEN, Uri. COHEN, Uri. *Lagersprache: Primo Levi and the Language of Survival*. Dibur Literary Journal. Issue 1, Fall 2015.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas / tradução de André Telles*. São Paulo: Editora 34, 2017.

- FUKS, Saul. *Tribunal da História: julgando as controvérsias da história judaica*. Rio de Janeiro: Relume, 2005.
- GAGNEBIN, Jeanne-Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.
- GILBERT, Martin. *A noite de cristal: a primeira explosão de ódio nazista contra os judeus*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.
- HILBERG, Raul. *The Destruction of the European Jews*. Yale University Press: New Haven, 2003.
- JAFFE, Noemi. *O que os cegos estão sonhando?*. São Paulo: Editora 34, 2012.
- KANIUK, Yoram. *Adam filho de cão*. Tradução de Nancy Rozenchan. São Paulo: Globo, 2003. KERTÉSZ, Imre. *A língua exilada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- KLÜGER, Ruth. *Paisagens da memória: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- KOVADLOFF, Sérgio. *O silêncio primordial*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- LANZMANN, Claude. *Shoah – Vozes e faces do Holocausto*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- LENHARO, Alcir. *NAZISMO – “O triunfo da vontade”*. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- LESSA, Renato. *O silêncio e sua representação*. In: *Memórias e cinzas. Vozes do silêncio*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- MORRIS, Heather. *O tatuador de Auschwitz*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- MÜLLER, Filip. *Eyewitness Auschwitz*. Chicago: Ivan R. Dee, 1979.
- NESTROVSKI, Arthur & SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.). *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.
- PAHOR, Boris. *Necrópole*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- PAK, Greg; DI GIANDOMENICO; BERTANCCHINI, Fernando. *Magneto: Testamento*. Barueri, SP: Panini Comics, 2009.
- QUIGNARD, Pascal. *O nome na ponta da língua / tradução de Yolanda Vilela*. Belo Horizonte (MG): Chão da Feira, 2018.
- SCHEINDLIN, Raymond P. *História Ilustrada do Povo Judeu*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2013.
- PRESSAC, Jean-Claude. *Os crematórios de Auschwitz*. Lisboa: Editorial Notícias, 1993.
- RAWET, Samuel. *Contos e novelas reunidos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

SANTOS, Rafael Rocca dos. A literatura dos campos de concentração. **Revista Vértices**, [S.l.], n. 20, p. 160-166, dez. 2018. ISSN 2179-5894.

Disponível em: <<http://revistas.fflch.usp.br/vertices/article/view/2930>>. Acesso em: 05 jun. 2019.

SELIGMAN-SILVA, Márcio. *História, memória e literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: UNICAMP, 2003.

SEMPRUN, Jorge. *O morto certo*. São Paulo: Arx, 2005.

SHAKED, Guershon. *Quem é o culpado? Ruptura das convenções na observação da temática do Holocausto*. Cadernos de Língua e Literatura Hebraica n.2, p.139-172.

SPIEGELMAN, Art. *Maus*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

STEINER, George. *Linguagem e silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMSON, Ian. *Primo Levi*. London: Hutchison, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *Em face do extremo. Tradução de Egon de Oliveira Rangel e Enid Abreu Dobránszky*. Campinas: Papirus, 1995.

TRUNK, Isaiah. *Judenrat: the Jewish councils in Eastern Europe under Nazi occupation*. Lincoln: University of Nebraska, 1996.

VENEZIA, Shlomo. *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

WIESEL, Elie. *Dawn*. New York: Hill and Wang, 2006.

\_\_\_\_\_. *Day*. New York: Hill and Wang, 2006.

\_\_\_\_\_. *Night*. New York: Hill and Wang, 2006.

\_\_\_\_\_. *Sinais do Êxodo*. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

## ANEXO 1

### É ISTO UM HOMEM?

Vocês que vivem seguros  
em suas cálidas casas,  
vocês que, voltando à noite,  
encontram comida quente e rostos amigos,

    pensem bem se isto é um homem  
    que trabalha no meio do barro,  
    que não conhece paz,  
    que luta por um pedaço de pão,  
    que morre por um sim ou por um não.  
Pensem bem se isto é uma mulher,  
sem cabelos e sem nome,  
sem mais força para lembrar,  
vazio os olhos, frio o ventre,  
como um sapo no inverno.

Pensem que isto aconteceu:  
eu lhes mando estas palavras.  
Gravem-na em seus corações,  
estando em casa, andando na rua,  
ao deitar, ao levantar;  
repitam-nas a seus filhos.

    Ou, senão, desmorone-se a sua casa,  
    a doença os torne inválidos,  
    os seus filhos virem o rosto para não vê-los.

## ANEXO 2

### PREFÁCIO

Por minha sorte, fui deportado para Auschwitz só em 1944, depois que o governo alemão, em vista da crescente escassez de mão-de-obra, resolveu prolongar a vida média dos prisioneiros a serem eliminados, concedendo sensíveis melhoras em seu nível de vida e suspendendo temporariamente as matanças arbitrárias.

Este meu livro, portanto, nada acrescenta, quanto a detalhes atrozos, ao que já é bem conhecido dos leitores de todo o mundo com referência ao tema doloroso dos campos de extermínio. Ele não foi escrito para fazer novas denúncias; poderá, antes, fornecer documentos para um sereno estudo de certos aspectos da alma humana. Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, conscientemente ou não, que "cada estrangeiro é um inimigo". Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente; manifesta-se apenas em ações esporádicas e não coordenadas; não fica na origem de um sistema de pensamento. Quando isso acontece, porém, quando o dogma não enunciado se torna premissa maior de um silogismo, então, como último elo da corrente, está o Campo de Extermínio. Este é o produto de uma concepção do mundo levada às suas últimas conseqüências com uma lógica rigorosa. Enquanto a concepção subsistir, suas conseqüências nos ameaçam. A história dos campos de extermínio deveria ser compreendida por todos 'como sinistro sinal de perigo.

Sou consciente dos defeitos estruturais do livro e peço desculpas por eles. Se não de fato, pelo menos como intenção e concepção o livro já nasceu nos dias do Campo. A necessidade de contar "aos outros", de tornar "os outros" participantes, alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com outras necessidades elementares. O livro foi escrito para satisfazer essa necessidade em primeiro lugar, portanto, com a finalidade de liberação interior. Daí, seu caráter fragmentário: seus capítulos foram escritos não em sucessão lógica, mas por ordem de urgência. O trabalho de ligação e fusão foi planejado posteriormente.

Acho desnecessário acrescentar que nenhum dos episódios foi fruto de imaginação.

PRIMO LEVI